DEPOIS DO CAOS

Maria de Regino

Maria de Regino

DEPOIS DO CAOS

Ilustração:
Maria de Regino e Adriano de Regino

Goiânia-GO

Apoio

FL FACULDADE DE LETRAS
UFG UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Apresentação

FUNDO DE ARTE E CULTURA DE GOIÁS
SECULT Secretaria de Estado da Cultura
GOIÁS GOVERNO DO ESTADO
CONTE COM ESSA FORÇA

Este projeto foi contemplado pelo Edital de Fomento à Literatura do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2017

Copyright © 2023 by Maria de Regino

Comissão Técnica

Editor
Felipe Barros

Projeto gráfico
Tatiana Lima

Coordenação editorial
Pablo de Regino

Preparação dos textos
Maria de Regino

Ilustração
Maria de Regino e Adriano de Regino

Designer da capa
Eliseu Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Bibliotecário responsável legal: Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região) 3294

R335 REGINO, Maria de.

Depois do caos./ Maria de Regino. – Goiânia: Kelps, 2023.

166p.

ISBN: 978-65-5370-245-5

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-32

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade do autor

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

PARTE 1 - A BOLHA

1 Um garoto solitário 7
2 Tempos de caos.....10
3 Incertezas e dificuldades.....13
4 A estratégia.....18
5 Sensores e sirenes 23
6 A fuga.....29
7 Fora da bolha 33
8 Prisioneiros 35
9 O doutor Weber.....38
10 O grande Androk 42
11 Marginais.....46

PARTE 2 - O CAOS

12 Novos amigos.....55
13 Lembranças 63

14 Um ritual de comunhão 66
15 A despedida.....71
16 Extraterrestres.....74
17 Em um disco voador.....80
18 Um mundo desfigurado 86
19 Na base.....90
20 Dafse 96
21 O projetor..... 104
22 Sem a luz do sol..... 110

PARTE 3 - ANO 1

23 O canto dos galos 114
24 Ananda 117
25 O reencontro..... 121
26 Um furacão 125
27 As cúpulas do Santuário..... 131
28 Ano I 139
29 A partida..... 145

PARTE UM

A BOLHA

1 UM GAROTO SOLITÁRIO

As persianas das janelas se ergueram assim que Robug entrou no quarto. Pablo puxou o lençol e cobriu a cabeça, protegendo os olhos da luminosidade inesperada.

— Bom dia, Pablo! Hoje é quarta-feira, vinte e seis de novembro. Está um lindo dia. Hora de se exercitar!

Naquela manhã Pablo acordara deprimido e não estava com vontade de conversar com ninguém, muito menos com um robô.

Resmungou um bom dia mal-humorado, já que Robug não aceitava ficar sem resposta, afastou o lençol e continuou atento à tela gigante, que ocupava boa parte de uma das paredes de seu quarto. Robug insistiu:

— Faz duas horas que você assiste a esse documentário. Vamos ao Solário, jogar pingue-pongue.

Quando se sentia deprimido, o que vinha acontecendo com frequência nas últimas semanas, Pablo fugia de suas angústias assistindo a documentários sobre a natureza. Aproveitando as poucas horas diárias permitidas pelo racionamento de energia elétrica, mergulhava nas imagens antigas de matas, bichos, rios e cascatas... um mundo que não existia mais.

— Você está me escutando? A tela deve ser desligada. Deve ser desligada. Deve ser desligada.

Pablo desligou a tela e teve ganas de desligar o robô. Resmungou baixinho:

— Ainda reprogramo os circuitos dessa sua cabeça de parafuso.

Em resposta, Robug piscou as luzes de seu painel e estalou três clics, que soaram com um quase imperceptível tom de ironia. Os sensores do robô não perdiam nada.

Pablo se vestiu devagar, perguntando a si mesmo se era possível alguém morrer de desânimo. Respirou fundo. Andava pensando muito em morte... Mas será que havia no mundo alguma coisa mais difícil de entender e aceitar do que a morte? Fazia pouco mais de um ano que um acidente inesperado destruíra, em poucos segundos, o helicóptero, o corpo de seu pai e a felicidade de sua família.

Com tanta gente no mundo, por que aquilo precisava acontecer logo com ele? E aquele corpo que nunca voltara para ser velado e enterrado? E as lágrimas que deformavam o rosto de sua mãe, mas que ela escondia para não aumentar a sua dor? Depois da perplexidade e do sofrimento, ele e a mãe tentaram continuar a vida, consolando um ao outro, superando o vazio deixado por aquela ausência. Mas os últimos acontecimentos pareciam anunciar que outras tragédias podiam estar a caminho.

2 TEMPOS DE CAOS

Nos anos anteriores, secas, terremotos e tempestades terríveis haviam transformado a superfície do planeta. Nas grandes cidades, aumentava o número de refugiados que tentavam sobreviver amontoados em acampamentos e favelas. A violência dos saques e das invasões levou os mais abastados a se isolarem em suas propriedades. Fazendas, usinas, pequenas cidades, áreas industriais e de mineração eram cercadas por altos muros e portões bem guardados, assemelhando-se às cidadelas medievais. Exércitos particulares foram treinados para lutar contra os "marginais" — expressão que, aos poucos, estendeu-se a todos os que viviam fora das áreas protegidas.

Em várias partes do mundo surgiram grandes condomínios cercados por muralhas e cobertos por gigantescos domus, que abrigavam áreas residenciais, lojas, escolas, hospitais e repartições públicas. Esses espaços, climatizados e bem protegidos, davam a seus moradores, quase todos milionários, uma falsa impressão de isolamento e segurança.

O pai de Pablo, o engenheiro alemão Roland Muller, que desde jovem desenvolvera pesquisas sobre Robótica e Inteligência Artificial, havia projetado os primeiros núcleos habitacionais protegidos por bolhas geodésicas no Brasil. Roland se casara com uma brasileira, Mariana, e viviam em Brasília, no Condomínio Nova Era, um luxuoso núcleo habitacional protegido por altas muralhas e um gigantesco domus. Na praça central ainda se podia ver a placa de inauguração, em bronze, onde se lia em grandes letras douradas: "Condomínio Nova Era: um novo espaço para a vida".

Quando Pablo nasceu, Roland construiu um robô e o programou para ser uma espécie de babá e professor do garoto. Em um condomínio de gente velha, onde quase não havia crianças, Robug acabou por se transformar no companheiro de infância de Pablo, o amigo com quem ele aprendeu a conviver e a brincar.

Naquela manhã opressiva, Pablo seguiu o robô, em silêncio, pelas ruas quase desertas. Sentia-se triste e angustiado pela falta de notícias de sua mãe. Procurava não pensar nas dificuldades que ela enfrentaria naquela viagem, mas os

pensamentos vinham a cada momento, e quando se lembrava da mãe, era difícil segurar as lágrimas.

Por que dona Mariana era tão teimosa? Por que insistia em tratá-lo como um bebê? Quando se aproximavam do Solário, não pôde deixar de pensar que se alguma desgraça acontecesse a sua mãe, Robug seria a única coisa que poderia chamar de "família".

As preocupações de Pablo não eram infundadas. Todos sabiam que a tensão entre os moradores das bolhas e os que viviam fora delas não parava de crescer. Fazia um bom tempo que os marginais estavam proibidos de entrar nos espaços protegidos. As áreas marginais, por sua vez, tornaram-se intransitáveis para os que viviam nos núcleos habitacionais. A cada dia as viagens tornavam-se mais difíceis e perigosas.

Por causa dos frequentes confrontos com bandos armados de marginais, os transportes por terra eram feitos em caravanas protegidas por tanques blindados. Sem as ações de um governo central, sem o controle das instituições, o caos absoluto anunciado pelos profetas do Apocalipse parecia ter chegado afinal.

3 INCERTEZAS E DIFICULDADES

Depois que as transmissões da Internet silenciaram, a administração do Condomínio Nova Era convocou uma reunião de emergência. As últimas notícias vindas do exterior, pouco antes do colapso das comunicações, anunciavam desastres ainda maiores.

Por décadas as nações mais poderosas mantiveram sob controle suas armas nucleares, mas no último ano as tensões haviam se tornado incontroláveis e, naquele momento, em vários pontos do globo, nuvens radioativas pairavam sobre cidades destruídas. Em todo o planeta, os que dependiam da *web* para se comunicar com amigos e parentes experimentavam uma terrível sensação, misto de impotência, desamparo e solidão.

Diante dessa nova realidade, a organização interna do Condomínio impôs outro plano, ainda mais rigoroso, de racionamento de água, energia e alimentos, que não atingia a todos com o mesmo rigor. Os condôminos, insatisfeitos, reclamaram, mas não tiveram forças para reagir. Em todo o mundo, sobreviver se tornara um grande desafio.

Ao perceber que, a cada dia, as dificuldades para os moradores do Condomínio só aumentariam, Mariana começou a pensar que seria muito difícil continuar ali, sozinha com o filho. Os dias naquele lugar logo se transformariam em um pesadelo, mas para onde ir? Todo mundo sabia que fora daqueles muros a vida estava bem pior.

Quando começaram a correr boatos sobre desapropriação de veículos particulares, a mãe de Pablo decidiu procurar seu irmão Daniel, que trabalhava em uma comunidade rural, a poucos quilômetros de Água Boa, na Serra do Roncador. Um lugar afastado de grandes centros, que parecia oferecer um pouco mais de segurança em meio ao caos.

Mariana conseguiu comprar a última passagem em uma caravana de comerciantes, que seguia para oeste, onde algumas fazendas ainda produziam alimentos. As incertezas e dificuldades, contudo, eram tantas, que ela achou melhor deixar o filho sob os cuidados do Robug e partir sozinha.

Pablo quis ir junto. Insistiu, reclamou, ergueu a voz, argumentou, apelou ao coração mole da mãe, mas não teve jeito. Mariana colocava a segurança do filho à frente de

qualquer argumento. Por outro lado, sabia o quanto era urgente encontrar um lugar melhor onde pudessem viver. A viagem estava programada para durar uns cinco ou seis dias.

Pouco depois da partida de Mariana, todos os meios de comunicação que ainda permaneciam ativos silenciaram de repente, sem aviso. As áreas protegidas perderam contato com o exterior e o isolamento só fez aumentar ainda mais o medo e a insegurança. Foi quando a direção do condomínio decretou a tão temida desapropriação de veículos e bloqueou os portões. Ninguém mais poderia entrar ou sair sem autorização expressa da direção.

Duas semanas e meia haviam se passado e Pablo se preocupava com a demora da mãe. Era angustiante a falta de notícias. Enquanto caminhava em direção ao Solário, acompanhado pelo robô, ia pensando na decisão de fugir da bolha e sair à procura de Mariana. Sabia que não seria fácil e o primeiro problema estava ali mesmo, seguindo ao seu lado, com as luzes do painel em festa, acendendo e apagando: o Robug.

O corpo cilíndrico de aproximadamente quarenta centímetros de diâmetro se erguia sobre dois pés compactos, com dispositivos especiais que permitiam ao robô se deslocar em qualquer direção. Na parte de cima do corpo, um pouco abaixo do que se poderia chamar de "cabeça", havia um painel negro, *touch screen,* com ícones e sensores. Os braços, articulados em forma de sanfona, tinham diferentes tipos de garras terminais, que podiam ser trocadas pelo próprio Robug, de acordo com o trabalho que o robô precisasse executar.

Nas últimas décadas, os robôs domésticos haviam se tornado tão populares como as máquinas de lavar roupa no século vinte. Mas Robug era bem diferente da geração de robôs criados para auxiliar no serviço doméstico. Construído e programado por um pai superprotetor, Robug dedicava a Pablo os mesmos cuidados exagerados de Mariana.

Fazia alguns dias que Pablo tentava encontrar um bom argumento para convencer o Robug de que precisavam sair para procurar Mariana. Mergulhado em suas preocupações, passava a maior parte do tempo ocupado em elaborar um plano de fuga. Dificuldades não faltavam. Todos os sistemas vitais da bolha dependiam de uma central de computadores, inacessível pela rede externa e muito bem guardada numa sala subterrânea. A central era equipada com sensores fotoelétricos e vigiada, permanentemente, por dois guardas. Sair da bolha sem o auxílio do robô parecia impossível.

Afinal chegaram ao Solário, uma praça de esportes com piscinas, quadras, pista de corrida, aparelhos de ginástica e salões de jogos. Enquanto jogavam pingue-pongue, Robug ia piscando as luzes de seu painel. Às vezes Pablo mandava uma bola baixa ou uma cortada de quina, que escapava do alcance dos braços sanfonados do robô. Enquanto ia pegar a bola caída, Robug acendia um *emoji* tristonho no painel e estalava uma sequência de clics.

Depois de algumas partidas, Pablo resolveu correr em torno das quadras. Na segunda volta parou ofegante e

encharcado de suor. No Solário, mesmo àquela hora da manhã, o calor era quase insuportável. Olhou com tristeza as piscinas vazias, secas desde que a administração endurecera com o racionamento de água, e disse em voz baixa:

— Ai que saudade de um banho...

— Hora de voltar, Pablo — lembrou Robug, piscando um *emoji* risonho de cor amarela.

Embora o plástico da bolha fosse revestido com filtros que protegiam dos raios solares, a partir das oito horas a temperatura começava a subir. Dois anos antes, Pablo ainda conseguia tomar um banho de chuveiro, mas agora, para se lavar, usava uma esponja umedecida. E a cota individual de água diminuía cada dia mais.

Às vezes Pablo sonhava com o mar. Alguns diziam que os oceanos estavam contaminados pela radiação nuclear, mas ele se recusava a acreditar em tamanha desgraça. Sabia que se a notícia sobre a contaminação dos oceanos fosse verdadeira, os dias da humanidade estavam contados.

No retorno, acenou para um homem de bigodinho, que tinha o peito coberto de tatuagens e uma cicatriz profunda na testa. Era um dos poucos que não haviam se deixado abater pelo desânimo geral e, como Pablo, se exercitava diariamente no Solário.

Voltou a pensar no projeto que vinha ocupando sua atenção nos últimos dias. Se tudo corresse bem, logo estaria fora da bolha, a caminho da Serra do Roncador.

4 A ESTRATÉGIA

Os escritórios da administração, a central dos computadores e o almoxarifado funcionavam no bloco administrativo. Os computadores ficavam cinco metros abaixo do solo, em uma sala que se conectava ao escritório do administrador-geral por escadas mal iluminadas.

Nos dias anteriores, Pablo havia se dedicado a conseguir informações sobre a segurança dos computadores. Primeiro se apresentou como voluntário no trabalho de limpeza dos escritórios. Havia algum tempo que a administração fazia campanhas para aumentar a cooperação dos moradores nas tarefas de limpeza e conservação do condomínio. Com a redução das cotas de água e alimentos se tornara impossível a

manutenção dos trabalhadores braçais, que trocavam serviços por abrigo e comida.

Enquanto varria salas, esvaziava cestos de lixo e limpava o pó das mesas, Pablo ia observando detalhes da rotina dos funcionários e se familiarizando com o local. Uma boa descoberta foi a dos condutores de ar. Uns tubos com mais ou menos cinquenta centímetros de diâmetro que se estendiam desde a superfície, para exaustores e ar condicionado. Esses tubos passavam pela escada, pela sala dos guardas e terminavam na central de computadores. Em cada um desses aposentos havia uma saída para o ar, protegida por grades retangulares de alumínio, bem parafusadas na parede.

O maior problema seria entrar na sala dos computadores sem disparar o alarme fotoelétrico. O sistema de segurança tinha câmeras e sensores de movimento capazes de detectar até um mosquito voando no aposento. Esses cuidados se deviam à importância dos computadores, que mantinham em funcionamento tudo o que era vital para a sobrevivência dentro do condomínio.

Todos os dias, depois do expediente, o administrador-geral ligava o sistema de alarme e carregava consigo as chaves e os cartões de acesso à central de computadores, que passavam a noite bem guardados no cofre de seu apartamento.

Espremido dentro de um condutor de ar, Pablo observava os guardas na saleta que antecedia a sala dos computadores. Um deles era o homem que frequentava o Solário. A farda

escondia as tatuagens e lhe dava um ar de seriedade. O outro era novo no cargo e parecia sonolento. Jogavam damas.

Pablo avançou pelo duto até a grade da sala dos computadores e fez algumas bolinhas, pequenas e firmes, com pedaços de papel fino. Encaixou a bolinha de papel na ponta do canudo, encostou a zarabatana improvisada na grade, encheu os pulmões de ar e soprou com toda a força. A bolinha voou longe. Atravessou a sala debaixo do som estridente das sirenes e foi cair junto aos computadores, a uns quinze centímetros da lata de lixo.

Os guardas pularam das cadeiras, empunharam suas armas e entraram na sala, revistando cada canto. Um deles, o de bigodinho, chegou a espiar dentro do condutor de ar, mas o garoto já havia recuado o suficiente para não ser descoberto. O outro guarda ficou olhando para os lados, com a arma na mão. O de bigode, mais ativo, voou escada acima.

Pablo torcia para que os guardas não percebessem a falta dos parafusos da grade da escada, nem descobrissem no fundo do depósito, sob vassouras, baldes e caixas de sabão, o Robug, que depois de muita discussão e negativas, finalmente havia concordado em ajudar.

No dia escolhido para a fuga, enquanto varria a escada que levava às salas subterrâneas, Pablo retirou cinco dos seis parafusos que prendiam a grade de alumínio do condutor de ar, no pequeno corredor entre a escada e o depósito. Só deixou, meio frouxo, o parafuso do alto, à esquerda, de modo

que pudesse deslocar a grade para o lado sem que ela se soltasse da parede.

Mais tarde, pouco antes do fim do expediente, não foi difícil tirar a chave da porta do depósito dos fundos do chaveiro de dona Margaret, a secretária do chefão. Esse espaço era ligado à cozinha e tinha uma pequena porta de saída para uma área de serviço pouco usada. Pelo lado de fora, o acesso a essa área era feito por um corredor lateral, entulhado de caixotes e garrafas plásticas.

Com o racionamento de energia elétrica e o toque de recolher às vinte horas, todos iam bem cedo para a cama. Assim, à meia-noite, era quase impossível encontrar alguém andando pelas ruas. Pablo e Robug se deslocaram com cuidado, pois se não havia moradores pelas esquinas, não faltavam guardas: os das portarias dos prédios, os das patrulhas e os da muralha que sustentava a bolha. Esses últimos vigiavam a noite toda, varrendo os arredores a intervalos regulares com a luz de grandes holofotes.

Fazia um bom tempo que os marginais não se jogavam contra cercas eletrificadas, ou desafiavam rajadas de metralhadoras. Tinham abandonado seus ataques desesperados, suicidas, e se organizado para sobreviver. Durante o dia ficavam escondidos em túneis e à noite atacavam, sempre de forma imprevisível. Eram muitas as histórias de condomínios invadidos e saqueados por bandos de marginais. Nas áreas

protegidas, os portões foram bloqueados e os cuidados com a segurança, redobrados.

Passados alguns minutos da meia-noite, Pablo atravessou a área de serviço, abriu a porta da cozinha e entrou no prédio da administração, acompanhado pelo Robug. Depois de esconder o robô no depósito, desceu alguns degraus, girou a grade do condutor de ar e se enfiou pelo estreito duto. Lá dentro, repôs a grade no lugar. Tudo no maior silêncio, pois, no final da escada, apenas uma porta o separava dos guardas.

5 SENSORES E SIRENES

Faltavam quinze minutos para uma hora, quando as sirenes dispararam no bloco administrativo. Tocaram sem parar, com grande estridência, por oito minutos. Foi o tempo necessário para o administrador-geral acordar, entender o que estava acontecendo, vestir depressa um casaco sobre o pijama, calçar, por engano, os chinelos de pelúcia da esposa, pegar uma lanterna e, finalmente, descer as escadas, pois os elevadores eram desligados à noite.

Chegando à portaria lhe ocorreu que precisaria das chaves e dos cartões de código para desligar o alarme. Voltou subindo as escadas aos saltos, pensando na sorte que tinha por morar no segundo andar e não dez andares acima. Pegou as

chaves e os cartões no cofre, desceu as escadas, e atravessou a rua correndo.

O prédio onde o administrador-geral morava era próximo ao bloco administrativo. Na porta da frente, empunhando sua arma, o guarda de bigodinho parecia confuso. Ao ver o chefe tentou explicar:

— Disparou sozinho! Assim, sem mais nem menos...

O administrador-geral era um sujeito azedo, de pouca conversa, e tinha uma mandíbula de buldogue que impunha o maior respeito. Chegou, desligou as sirenes, lançou aos seguranças aquele olhar de "vocês são todos uns incompetentes" e perguntou, sem esconder o mau humor.

— Então, o que foi que aconteceu?

Os guardas disseram que o alarme havia disparado sozinho, mas o administrador não se convenceu. Estava acostumado a desconfiar de todo mundo. Já ia passando uma descompostura nos dois quando abaixou os olhos e percebeu que usava um pijama de bolinhas cor-de-rosa, presente da sogra.

Certo de que as bolinhas daquele pijama sabotavam sua autoridade, desistiu da bronca, reativou o sistema de alarme, trancou tudo com o maior cuidado, mastigou um carrancudo "boa noite" e se retirou, cuidando para não fazer muito barulho com os chinelos de pelúcia nos degraus da escada. O guarda de bigode acompanhou o administrador-geral até a porta da frente e voltou ao seu posto. Em seu esconderijo Pablo preparava outra bolinha.

Antes que o administrador chegasse a cruzar a porta de seu apartamento, o alarme voltou a soar e tudo se repetiu mais ou menos como da primeira vez: os guardas perplexos, o administrador furioso, sirene desligada, alarme reativado. Na quarta vez, desconfiando que talvez os dois vigias estivessem acionando o alarme de propósito, sabe-se lá com que intenção, gritou para o guarda mais novo, que o olhava com ar apalermado:

— Ei, você! Vá até a minha casa e avise a Abigail que eu vou ficar por aqui o resto da noite. Aproveite e pegue com ela as minhas roupas e um par de sapatos. De manhã a gente tenta encontrar o defeito dessa joça.

E arrematou, olhando duro para os guardas:

— Se é que há mesmo um defeito.

Em seguida, o administrador se instalou numa das cadeiras com ar de "agora quero ver". Mal havia se sentado, o alarme disparou mais uma vez. Desliga, reativa, dispara... Na sexta vez o homem resolveu admitir que o sistema era antiquado e poderia estar com algum defeito. Na sétima, decidiu que o melhor mesmo era desligar tudo, deixar aos dois guardas o encargo de zelar pela segurança dos computadores e ir para casa dormir.

Às duas horas o administrador-geral e sua esposa, dona Abigail, lado a lado, roncavam pacificamente. Os dois guardas retornavam às partidas de damas e Pablo, deslizando para trás, se preparava para sair do duto e dar continuidade ao seu plano de fuga.

Assim que se viu fora do condutor de ar, Pablo foi até o armário onde havia escondido o Robug. Para subir ou descer escadas o robô utilizava um sistema de propulsão e sustentação, deslocando-se sobre uma espécie de colchão de ar. O inconveniente desse sistema era o ruído, que poderia alertar os guardas.

No final da escada, por trás da porta trancada à chave, os dois guardas haviam desistido de jogar damas e combinavam um revezamento na vigilância até o amanhecer. Cada um dormiria duas horas de cada vez. Decidiram no par ou ímpar quem ia dormir primeiro e ganhou o guarda de bigodinho, que tirou os sapatos e afrouxou o cinto, se preparando para a soneca. Em seguida, encostou a cadeira na parede, apoiou os pés sobre a mesa e começou a roncar na maior paz.

O outro ainda ficou um tempo de boca aberta, olhando para as paredes, para o teto, para as mãos... e foi quando reparou que suas unhas estavam sujíssimas, passando da hora de cortar. Começou a procurar nas gavetas da mesa um cortador de unhas que ainda outro dia tinha visto jogado em uma delas.

Estava cortando as unhas quando ouviu aquele barulho esquisito, parecendo um aspirador de pó, se aproximar pelo corredor. De repente o ruído cessou e alguém bateu na porta. O guarda puxou a arma. Sacudiu o outro guarda, bem no meio de um ronco, e disse em voz baixa:

— Tem gente aí fora.

O guarda de bigodinho abriu um olho meio atravessado, soltou um palavrão e ia continuar dormindo, mas novas batidas fizeram com que se erguesse da cadeira.

— Quem é? — perguntou, grudando a mão na arma e piscando duro para espantar um resto de sono.

Uma voz que parecia vir de dentro de um cano, respondeu:

— Serviço especial de assistência técnica a computadores. Atendimento de urgência a pedido do administrador-geral.

O guarda de bigode ainda perguntou antes de abrir:

— Tem autorização escrita?

— Tenho.

A porta foi aberta e Robug avançou em direção aos guardas. O de bigode, que já conhecia o robô de vista, do Solário, perguntou meio sem jeito, achando esquisito aquilo de falar com robô.

— Cadê a autorização?

O Robug apontou, fingindo não alcançar, um compartimento retangular, fechado por uma grade, embaixo do seu braço direito.

— Está aqui dentro. Faça o favor de abrir.

Dizendo isso, Robug ergueu o braço e deslizou para junto dos guardas. O de bigode tentou abrir a grade.

— Parece que está emperrado...

Nesse momento, o outro guarda fez o que o robô estava esperando. Chegou perto o suficiente para receber, junto com

seu companheiro, uma descarga elétrica. Os homens caíram no chão, desacordados. Bem depressa, Pablo desarmou, amarrou e amordaçou os dois.

Enquanto o garoto cuidava dos guardas, Robug entrou na sala dos computadores e se acoplou a um dos terminais. Copiou arquivos, modificou alguns dados e acrescentou outras informações.

Quando Pablo e Robug saíram do prédio da administração, faltavam poucos minutos para as três horas. Teriam que agir depressa. Trinta minutos era o tempo máximo de que dispunham para conseguir um carro, água, mantimentos e atravessar o portão norte.

6 A FUGA

Nas áreas de segurança, portas, janelas, sistemas elétricos, alarmes, tudo era controlado pelo computador central. Ao fazer a reprogramação, entre outras coisas, Robug desligou os códigos das portas do galpão onde eram guardados os veículos e do depósito de água e alimentos destinados ao pessoal da administração.

Entraram no depósito sem dificuldade. Enquanto retirava latas e caixas das prateleiras, Pablo observou a diferença de qualidade entre a comida que era oferecida para consumo dos condôminos e a destinada aos que faziam parte da administração.

— Para esses caras tem até conserva de milho verde... Olha aqui! Doce de leite! Nem me lembro da última vez que comi doce de leite — e pegou uma caixa com potinhos de doce.

Próximo à saída do depósito, Pablo e Robug juntaram galões de água, o máximo de alimentos que sabiam ser possível carregar, e foram para o galpão dos veículos. De início, o plano era levar um *hovercraft*, um carro que se deslocava sobre um colchão de ar. No final, acabaram se decidindo pelo "lagartão", uma espécie de *trailer* blindado, de esteiras, construído com sucata de tanques de guerra e movido a hidrogênio molecular. Embora lento e barulhento, o lagartão oferecia mais segurança e autonomia. Com o combustível de reserva poderiam rodar quase cinco mil quilômetros.

Enquanto Pablo acomodava no carro as duas mochilas que levava com objetos pessoais, Robug ia esvaziando pneus dos outros veículos. Do *hovercraft* retirou a bateria e escondeu dentro de um galão vazio. Era a única forma de evitar a perseguição das patrulhas de resgate. Afinal, com tudo bem encaminhado, o robô entrou no carro, fechou a porta e avisou:

— Dentro de trinta segundos vai começar.

Pablo olhou o relógio. Meio minuto depois, exatamente às três horas e vinte minutos, todos os alarmes do setor sul dispararam simultaneamente.

Os holofotes pareciam enlouquecidos. Nada mais obedecia aos controles manuais. As sentinelas da muralha correram para o portão sul. A primeira coisa que se pensou

foi numa invasão de marginais. Diretores e administradores, todos de pijama, também se dirigiram para lá.

Enquanto isso, no setor norte, o lagartão cruzava as ruas e, aproveitando a enorme confusão, passava despercebido rumo ao depósito de alimentos. Pablo e Robug teriam poucos minutos para carregar o veículo com as caixas e os galões, deixados junto a uma das entradas do galpão, e partir em direção ao portão norte, que se abriria às três e vinte e cinco, fechando-se logo depois da passagem do lagartão.

Robug estacionou em frente a uma das portas laterais do depósito, saiu do carro e foi passando, bem depressa, os galões de água e as caixas com alimentos para o garoto, que ia arrumando tudo dentro do carro.

Na rua de cima, uma patrulha com uns dez guardas bem armados passou correndo em direção ao prédio da administração. O administrador-geral corria à frente da tropa. Já deviam ter desconfiado que o problema era com o computador central.

O robô atirou as últimas caixas para o interior do carro e alertou sobre outra patrulha, que vinha subindo a rua. Pablo viu quando um dos guardas, chamando a atenção do grupo, apontou o lagartão. Ouviram um apito. Pablo gritou para que Robug se apressasse. O robô esticou os braços articulados e se agarrou ao teto do carro. Em seguida, encolheu os braços para erguer o corpo e, num impulso, se jogou para dentro. Poucos segundos depois, instalado nos controles, o robô fechava a

porta e dava a partida. Não levariam mais que dois minutos para chegar ao portão norte.

O administrador-geral, acompanhado pelos patrulheiros, desceu as escadas e esmurrou inutilmente a porta da antessala dos computadores. Um dos guardas sugeriu:

— O senhor querendo a gente arromba isso aí, mole, mole...

O administrador parecia a ponto de explodir de tanta raiva.

— Mole, mole é o seu miolo, ô imbecil! Essa porta tem um código.

Muita gente ainda não tinha se acostumado com o fato de, naqueles tempos difíceis, não haver peças de reposição para nada que quebrasse. Enquanto subia as escadas correndo, para pegar os cartões de código em seu apartamento, o administrador esbravejava:

— Corja de incompetentes! Cambada de irresponsáveis!

Na saída do prédio quase foi atropelado pelo lagartão. Saltou para o lado, caiu na calçada e não pôde se levantar, pois atrás do carro vinha um bando de guardas atirando. O administrador-geral arrastou-se de volta para a portaria do prédio. Rouco, quase sem voz, gritou:

— Não adianta atirar seus cretinos, o carro é blindado!

Exatamente às três horas e vinte e cinco minutos o portão norte se ergueu para dar passagem ao lagartão. Em seguida, com a sem-cerimônia dos portões automáticos, fechou-se na cara espantada dos guardas e de um enfurecido administrador-geral.

7 FORA DA BOLHA

Pablo respirou fundo, aliviado, quando os portões se fecharam atrás do lagartão. As bolhas do conjunto habitacional Nova Era ficavam a leste de Brasília. Originalmente eram cercadas de jardins, bosques e extensos gramados, mas depois de quinze anos de uma seca feroz, o lago e a vegetação tinham desaparecido, dando lugar a um deserto de pó vermelho.

Contornaram Brasília para pegar a BR-070, ou o que havia sobrado dela. Por essa rodovia esperavam chegar em poucas horas a Barra do Garças, praticamente ao pé da Serra do Roncador. O asfalto da estrada estava cheio de buracos e o carro sacolejava demais. Como Pablo quase não havia dormido naquela noite, sentiu sono e se recostou no banco. Os olhos se

fecharam. Mal começara a cochilar, despertou com o Robug gritando o seu nome. Uma sacudidela mais forte do lagartão o jogou para cima, fazendo com que batesse a cabeça no teto.

A tela do painel frontal do robô parecia ter enlouquecido. Dígitos e ícones, vermelhos e amarelos, piscavam caoticamente. Ainda sem entender muito bem o que estava acontecendo, Pablo gritou:

— Ei, o que foi? Tá ficando doido?

Nova sacudida e Pablo se agarrou ao banco, para não bater a cabeça outra vez. Robug informou:

— Estamos sendo atacados!

Pablo olhou pelo vidro traseiro. Bem próximo, a poucos metros do lagartão, duas criaturas esquisitíssimas, desgrenhadas, cor de terra vermelha, vinham cavalgando uma espécie de carrinho voador. O número de perseguidores logo aumentou. Pareciam brotar do chão. Cercaram o carro zumbindo como marimbondos gigantes.

— Atira neles, Robug!

Uma forte explosão sacudiu o lagartão.

8 PRISIONEIROS

Pablo perdeu os sentidos e quando voltou a si estava em uma cela escura. Um pouco de luz atravessava um retângulo estreito, recortado na porta, por onde pôde ver os marginais ocupados em retirar prisioneiros das celas e arrastá-los com brutalidade, acorrentando-os a uma longa fila.

Eram criaturas horrendas, assustadoras. Pablo sentiu um friozinho na barriga ao ouvir os gemidos e o arrastar das correntes. De repente, a porta de sua cela foi aberta e mãos ásperas o puxaram para fora. A fila de acorrentados estava parada, à espera de novos prisioneiros. Pablo foi preso às correntes e a fila voltou a caminhar.

Passaram por túneis, escadas e portas fechadas. Atrás dessas portas, ouviam-se ruídos abafados de motores em atividade. Pablo observou as pontas de rochas que brotavam das paredes e pensou que deviam estar debaixo da terra, nos subterrâneos dos marginais.

Foram conduzidos a uma sala bem-iluminada, onde um robô magrelo ajustava uma espécie de capacete cônico na cabeça de cada prisioneiro. De acordo com a leitura que fazia em uma pequena tela, o robô os separava em dois grupos. Quando chegou a vez de um velho de cara simpática, que seguia um pouco à frente de Pablo, saiu um som diferente da máquina e ele foi colocado à parte dos outros.

Pablo era o último da fila. Ao experimentar o capacete, ouviu um zumbido nos ouvidos e sentiu uma leve tontura. O robô retirou o capacete da cabeça do garoto e o levou para junto do velho. Pouco depois, Pablo viu chegar um guarda montado num carrinho voador, como aqueles que tinham cercado o lagartão. O homem desceu do carro e se juntou aos outros guardas. Então, o carrinho deu uns estalos e virou um robô.

"Igualzinho meus *transbugs...*" — pensou Pablo, lembrando-se dos velhos carrinhos de brinquedo que viravam robôs quando batiam em algum móvel ou na parede.

Enquanto os guardas acorrentavam os outros prisioneiros, o robô que antes era carrinho ordenou a Pablo e ao velho que o seguissem, e foi deslizando na frente, iluminando o caminho com um farolete fixado no alto da cabeça pontuda. Os túneis

pareciam não ter fim. Caminharam um bom tempo, às vezes subindo, outras vezes descendo escadas. Finalmente o robô empurrou uma porta de aço e mandou que entrassem, dizendo que deviam aguardar novas ordens.

9 O DOUTOR WEBER

O lugar era amplo, mobiliado com um armário, uma mesa e algumas camas. Assim que chegou, o velho, bem rapidinho, se sentou na cama ao lado da porta.

— Ah! Ser bom esticar canelas quando estar cansado...

O homem falava com um sotaque que Pablo conhecia bem. Curioso, se aproximou:

— O senhor é alemão?

— Non, eu ser de Hungria — disse o homem, estendendo a mão ao garoto — Doctor Alex Weber, físico nuclear.

Pablo achou engraçado aquele jeito de se apresentar, tipo ficha completa: nacionalidade, nome e profissão. Apertou com força a mão que o doutor Weber estendeu.

— Meu nome é Pablo. O meu pai era alemão. Ele era engenheiro.

O homem se curvou, ergueu a barra da calça e examinou a perna:

— Droga! Tudo estar cheio de pulgas!

Pegou uma pulga que havia grudado em sua canela, estalando em seguida aquela coisinha quase invisível entre as unhas dos polegares.

— Que nome ter seu pai, menino?

— Roland Muller.

— Ah, sim, conheci seu pai. Um gênio da engenharia cibernética. Enton, você ser filho dele...

O velho físico ergueu as pernas da calça até os joelhos, à procura de novas pulgas.

— E como vai papai?

— Morreu. Faz um ano, num acidente aéreo.

— Como? Ah, sim, sim...

O doutor Weber ergueu as sobrancelhas e coçou o queixo, sem graça.

— Rapaz, desculpar essa minha cabeça. Como esquecer essa tragédia?

O homem franziu a testa e examinou Pablo com mais atenção.

— Hum... isso explicar por que nós dois estar juntos agora... Foi a sonda neural.

— Sonda neural?

— Capacete que robô colocar em cabeças ser sonda neural. Separa os que ir fazer lavagem cerebral, para trabalho escravo, dos que non prestar para nada.

O doutor Weber continuava se coçando. Desabotoou a camisa e procurou entre os pêlos brancos e ralos do peito.

— Ahá! Você non escapar, sua vampira!

Num gesto rápido, o velho cientista arrancou um pontinho preto grudado embaixo do umbigo. Uma sensação de angústia fez doer o estômago de Pablo.

— E esses outros, os imprestáveis, o que acontece com eles?

— Eu non saber. Talvez ir para câmara de extermínio...

Pablo arregalou os olhos, alarmado com a palavra "extermínio". Percebendo que havia assustado o garoto, o doutor Weber tentou consertar.

— Mas non se preocupar! Nosso caso ser diferente. Androk precisa de cientistas. Pulgas non picar você, rapaz?

A ideia de uma porção de gente sendo executada, assim, sem mais nem menos, era uma coisa que assustava e Pablo estranhou a naturalidade com que o velho parecia encarar aquele horror. Respondeu sacudindo os ombros:

— Mas eu não sou cientista...

O doutor Alex Weber coçava o corpo com fúria. Pablo começou a se sentir pouco à vontade, diante daquela crise de coceira sem fim. Desviou os olhos para as paredes cinzentas e perguntou:

— Quem é Androk?

— O rei desse formigueiro. Você non achar que esse lugar parecer um grande formigueiro?

Sem esperar resposta, o homem continuou:

— Androk quer criar uma nova raça, poderosa, indestrutível. Uma raça transumana, cibernética, capaz de viver sem água e oxigênio, uma raça de gente imortal. Androk desejar dominar Terra e Universo.

Nesse momento, o robô-que-virava-carrinho abriu a porta e anunciou com sua voz metálica:

— O grande Androk os espera.

10 O GRANDE ANDROK

Sentado em um trono alto, no centro de uma caverna gigantesca, estava o grande Androk. Seu corpo parecia recoberto por placas de metal negro e a cabeça, protegida por uma espécie de capacete largo, ajustava-se às placas de metal do corpo, formando uma peça única. Na altura dos olhos, havia um visor negro, parecido com a tela do painel de Robug.

O conjunto era impressionante. Em volta do trono se amontoavam guardas, marginais e robôs. Enquanto aguardavam Androk se manifestar, Pablo cochichou ao doutor Weber, que finalmente havia parado de se coçar:

— Esse cara vai morrer assado dentro daquela armadura.

— Mas non ser armadura, rapaz! — disse o velho físico, num sussurro — Androk substituiu quase todo corpo por

unidades biônicas. Só cérebro estar humano... se já non ter trocado também.

Nesse momento, uma voz se ergueu sobre o burburinho dos que ali estavam. Androk ergueu o braço, apontando Pablo e o velho cientista:

— Vocês dois aí! Aproximem-se!

Os ecos na caverna faziam sua voz parecer mais assustadora.

— Então você é filho de Roland Muller...

Pablo sentiu um arrepio. Havia muita maldade naquela voz.

— Conheci seu pai, garoto. É uma pena que o grande astro da cibernética não esteja aqui agora...

A fala de Androk foi seguida por uma gargalhada tão parecida com os bips e clics do Robug, que Pablo não pôde deixar de pensar que ele talvez já tivesse trocado o cérebro também.

— E agora, garoto, tenho uma surpresinha para você.

Androk ergueu a mão e uma mulher, que estava sentada de costas entre os marginais, se levantou e foi virando a cabeça, bem devagar. Era Mariana. O rosto de Pablo brilhou com um sorriso. Correu para abraçar a mãe, mas um guarda o reteve. A voz de Androk ressoou, zombeteira e cruel.

— Não adianta, garoto, ela não o reconhecerá. Agora pertence aos meus subterrâneos, trabalha para a construção do maior império do universo.

— O que você fez com a minha mãe, bandido?

Pablo se livrou do guarda, mas não foi muito longe. Quatro guardas pularam sobre ele e o imobilizaram. Androk continuou:

— Não devia ficar tão agitado, Pablo Muller. Pessoas com QI excepcional estão acima da ética que rege as pessoas comuns. Sabia que o seu QI é quase tão alto quanto o meu? Uma diferença de poucos pontos o separa do maior quociente de inteligência jamais registrado. Sou o maior gênio do universo e tenho planos para você.

Sentindo-se miseravelmente impotente, mas disposto a resistir até à morte, Pablo gritou:

— Vá para o inferno! Eu não vou fazer nada para você, ouviu? Nunca!

Uma gargalhada sinistra ressoou na caverna:

— Veremos, Pablo Muller.

Androk se ergueu, ajustou uns controles no braço esquerdo e apontou os dedos na direção da cabeça de Pablo. Um raio amarelo, quente, atingiu a testa do garoto. Imobilizado pelos guardas, ele pensava no Robug. Onde estaria agora? Não tinha visto o robô depois da explosão do lagartão. Lentamente, o raio de Androk enfraquecia os seus sentidos.

Aos poucos a vista foi ficando turva. Os sons pareciam mais distantes. Tentou gritar, chamar pelo Robug, mas sua língua enrolava e as palavras saíam incompreensíveis.

— Pablo!

A voz do robô parecia vir de muito longe.

— Pablo, você não está se sentindo bem?

Abriu os olhos. O Sol acabava de nascer e batia em cheio no seu rosto. No painel frontal de Robug, um *emoji* amarelo e sorridente surgiu sobre a tela preta.

— Bom dia, Pablo! Hoje é o nosso primeiro dia fora da bolha. Acabamos de passar por Itaberaí. Como se sente?

Pablo se sentia enjoado. O sonho deixara uma sensação desagradável. Perguntou a si mesmo se aquela mistura de desenho animado e filme de ficção científica podia ter alguma coisa de real. Pensou em sua mãe. Talvez ela estivesse em dificuldades. Quem sabe até prisioneira dos marginais? Sentiu-se culpado por não ter sido mais convincente. Por alguns instantes fechou os olhos. Não deveria ter deixado a mãe sair da bolha sozinha.

Na paisagem desolada, o Sol ia subindo devagar, iluminando as ondulações de terra vermelha que se estendiam até o horizonte. O resto era poeira, poeira, poeira. Aqui e ali ainda se viam esqueletos retorcidos de árvores do cerrado. Os galhos desfolhados, cobertos de pó, se erguiam como mãos súplices. As mãos da terra, pedindo chuva ao céu. Os campos, antes cobertos de plantações, tinham se transformado em um deserto de pó vermelho.

11 MARGINAIS

Pablo se espreguiçou, esticou bem o corpo e abriu a boca num bocejo enorme. O dia prometia uma quentura de rachar.

— Robug, você viu algum marginal?

— Sim, saímos da estrada por causa deles.

— Como é? Você saiu da estrada por causa dos marginais?

— Havia uma multidão acampada no entroncamento para Jaraguá.

— E o que eles estavam fazendo? Você viu algum marginal de perto?

— Não. Assim que avistei as barracas, saí fora da estrada. Dizem que são agressivos. Não quis arriscar.

— Pôxa, Robug! Você podia ter usado os sensores de longo alcance.

— Eu usei.

— E então? Eles são mesmo sujos, feios e assustadores como todo mundo diz?

— Sujos, famintos e doentes. Foi o que me pareceu.

Pablo ligou o ar-condicionado do lagartão. O calor já incomodava.

— Quantas barracas você viu no acampamento?

— Impossível avaliar.

— Mais de mil?

— Muito mais.

— Como esse povo faz para comer? E o Sol, Robug? Sem proteção não dá para aguentar o Sol.

— Devem cavar túneis e abrigos sob a terra.

"Como os de Androk..." — Pablo pensou, e ficou se lembrando do sonho. Nunca havia sonhado assim, com tantos detalhes.

— Robug, o meu pai teve algum amigo chamado Androk?

Robug consultou os seus arquivos de memória e, alguns segundos depois, piscando um ícone luminoso à direita do painel, respondeu:

— Anton Androk. Bailarino, ator, artesão, construtor de bonecos e marionetes. Nasceu na Ucrânia e se naturalizou brasileiro.

Pablo arregalou uns olhos enormes.

— Então esse tal de Androk existe? Foi amigo do meu pai? O que você falou que ele era?

— Ucraniano.

— Não, isso eu entendi. O que foi que você disse que ele fazia?

— Era bailarino, ator, artesão, construtor de bonecos e marionetes.

— Bailarino?!

Pablo parecia decepcionado.

— Tem certeza de que não era cientista?

— Anton Androk era amigo de seu tio Daniel. Trabalhavam na mesma companhia teatral e quando passavam por Brasília costumavam visitá-los. Você era muito pequeno, certamente não se lembra, mas adorava os bonecos e as brincadeiras que faziam. Há alguns anos a companhia teatral se dissolveu e Anton não deu mais notícias.

Robug fez uma pausa, acompanhada de dois clics.

— Por que esse interesse assim, de repente, por Anton Androk?

— Foi um sonho, Robug — disse o menino pensativo. — Um sonho muito estranho.

Pablo se calou. O Sol brilhava com tanta intensidade que ficava difícil manter os olhos abertos. Pegou os óculos escuros na mochila, afundou no banco e mergulhou para dentro dele mesmo. Um mundo de lembranças, medos e incertos planos futuros. Não respondeu quando o robô perguntou se não queria contar o sonho e Robug não insistiu.

Continuaram fora da estrada, mantendo a rota para Barra do Garças. Atravessaram o leito seco do rio Vermelho, procurando evitar novos encontros com marginais, e cruzaram o rio Piranhas, onde uma lama grossa grudou nas esteiras do lagartão. Era o que restara da água farta que corria ali.

Pablo se lembrou de fotos antigas da família de sua mãe, nas férias de julho no rio Araguaia. O avô de bermuda, vara de pescar e um pintado com mais de metro. A mãe, ainda menina, uns dez ou doze anos, remando num caiaque. E água, muita água. Água para pescar, nadar, mergulhar, remar... Água que não acabava mais. Será que o Araguaia estava tão seco como seus afluentes?

A viagem continuou sem novidades, com o carro levantando poeira, abrindo caminhos, desviando dos acampamentos e de outros obstáculos. O sol já ia alto quando o lagartão cruzou a estrada que ligava Aragarças a Bom Jardim de Goiás. O calor aumentava a cada minuto e o ar-condicionado parecia não estar funcionando muito bem. Robug consultou o termômetro que registrava a temperatura fora do carro.

— Quase cinquenta graus. Precisamos encontrar um abrigo.

Pararam à sombra de um paredão rochoso e desceram do lagartão. Robug disse que precisava verificar o equipamento de refrigeração do veículo, pois parecia não estar funcionando muito bem. Enquanto o robô trabalhava, Pablo aproveitou para

explorar o paredão de pedra. Não tinha andado nem duzentos metros e ouviu os clics do Robug.

— Não se afaste muito!

Respondeu com um "tá" e continuou andando. O paredão tinha um relevo acidentado, com muitas fendas e protuberâncias. Um pouco mais adiante, Pablo viu uma abertura de formato triangular, que parecia a entrada de uma caverna. Para chegar até lá, teria que passar por um amontoado de grandes pedras arredondadas.

Foi escalando, saltando, escorregando... De repente parou. O vento trazia ruídos estranhos. Pensou que fossem marginais e sentiu medo. O primeiro impulso foi voltar correndo para perto do robô, mas a curiosidade acabou vencendo.

Pablo abaixou-se um pouco, caminhou mais alguns metros e, agachado atrás uma pedra, viu uma cena inesperada. Em uma faixa de areia entre as pedras, cinco homens de aspecto selvagem, sujos e seminus, atacavam uma garota.

A menina era ágil e se defendia bem, mas por quanto tempo seria capaz de aguentar aquela luta desigual? Pensou que seria bom chamar o Robug, mas o robô, com os jatos de ar ligados, já vinha deslizando entre as pedras.

— Pablo, eu avisei para não se afastar.

Muito agitado, o garoto respondeu:

— Vem, Robug! Tem um bando de marginais atacando uma menina!

Pablo foi na frente, saltando sobre as pedras. Robug o seguiu, piscando os ícones do painel entre aflitos clics.

Quando chegaram à faixa de areia, diante da fenda triangular, um dos marginais, o mais alto e forte dos cinco, segurava por trás os braços da garota, enquanto outro ia se aproximando pela frente, bem devagar, meio agachado, como um bicho preparando o bote.

Robug voou para o atacante, enquanto Pablo, armado com um pedaço de pau, correu para o que prendia a menina. Os marginais, surpresos, interromperam a luta, mas logo se recuperaram e investiram juntos contra o Robug. Pablo deu uma paulada nas costas do que segurava a menina. E vupt, vupt, vupt, plaft. Os vupts foram os golpes do grandão. O plaft, quando Pablo caiu no chão, nocauteado.

O robô tinha sido mais bem-sucedido com suas descargas elétricas. Tzzim... e caiu o marginal que ia atacar a garota. Tzzim, tzziim... caíram os outros três que acudiram o primeiro. Para o final ficou o grandão, que depois de um tzziim mais demorado, também caiu desacordado.

Tudo aconteceu muito depressa. Enquanto se erguia, Pablo pensou na menina: "Tadinha, deve estar morta de medo..." Foi então que ouviu um estalo de algo se quebrando e um grito assustador.

A garota, que devia estar apavorada, segundo as deduções de Pablo, atacou o Robug, manejando com perícia um pedaço de pau cilíndrico de quase dois metros de comprimento. Desorientado com as pauladas, o robô piscava todos os ícones luminosos de seu painel, entre aflitos bips e clics. Na lógica dos

robôs, se a menina precisava ser defendida, não poderia ser atacada. Pablo acudiu o companheiro.

— Ei! Pára! O que é isso? Nós somos amigos. Não precisa ter medo.

A garota deu dois saltos para trás e parou a uma distância segura, pronta para um novo ataque.

— Medo? E quem é que está com medo?

Pablo a olhava fascinado. Era muito bonita, embora suas roupas, um short e um top jeans, estivessem encardidas e em farrapos. Pablo tentou dar à sua voz o mesmo tom seguro da voz da garota.

— Tudo bem, mas acho bom sair daqui. Esses marginais não vão ficar apagados por muito tempo.

— Essa é boa. O idiota de lata acaba com o nosso treinamento, arrebenta os meus amigos e você ainda vem me dizer que eles é que são perigosos?

Entre clics furiosos, Robug disparou todas as luzes vermelhas de seu painel. Depois de alguns segundos de perplexidade, Pablo perguntou, meio sem graça:

— Treinamento?... Esses marginais são seus amigos? Parecia uma briga... eu pensei...

A garota estava uma fera:

— Pensou errado. E para fazer o que fez tinha que ter certeza! Marginal... marginal é a tua turma, tá?

As roupas e o cheiro de Pablo o identificavam imediatamente como um morador das áreas protegidas. A garota continuou, sem esconder seu desprezo:

— Essa gente covarde, que vive escondida nas bolhas... Você que é marginal!

As orelhas de Pablo ficaram vermelhas. Sentiu vergonha, vontade de desaparecer dali. A garota percebeu seu embaraço, ficou com pena e resolveu se acalmar. Afinal, os cinco rapazes começavam a se recuperar. Abaixou o bastão, mas se manteve à distância.

— Pensando bem, até que dava mesmo para qualquer um se enganar. A gente estava treinando uma técnica nova de defesa. Como é o teu nome?

As orelhas do garoto foram clareando. Estavam cor-de-rosa quando ele respondeu:

— Meu nome é Pablo Muller e esse aqui é o Robug.

A garota ajeitou para trás o cabelo que caía nos olhos e abriu um sorriso ainda meio desconfiado, mas, mesmo assim, delicioso.

— Meu nome é Sharon.

PARTE DOIS

O CAOS

12 NOVOS AMIGOS

Apresentações e explicações não foram suficientes para que os amigos de Sharon ficassem à vontade perto do robô. Mesmo assim, convidaram Pablo para conhecer a caverna onde moravam. Contornando as pedras, Robug estacionou o lagartão perto da entrada, um rasgo escuro, baixo, no fundo da grande fenda triangular. Tiveram que caminhar os primeiros metros abaixados, pois a caverna, no corredor da entrada, tinha pouco mais de um metro de altura. Pablo perguntou:

— Aqui não tem morcego, cobra, esses bichos peçonhentos?

Quem respondeu foi Caxi, o mais baixinho do grupo:

— Tinha muito, mas agora acabou. A gente comeu tudo.

Achando que era brincadeira, Pablo deu uma risadinha, tentando mostrar que não era idiota de acreditar naquela bobagem e levou uma cutucada forte nas costelas. Babau, o cara da cotovelada, ria um riso de poucos dentes:

— Tá pensando que é gozação? Não é não... Rango aqui é o maior sufoco. A gente come o que aparece. Morcego, gafanhoto, cobra, lagartixa...

— Quando tem, né, meu irmão?

A voz grave de Pacua, um rapaz alto e caladão, ressoou num eco bonito. Entrava uma coisinha à toa de luz, mas dava para ver que a caverna era bem alta. O lugar onde estavam tinha uns dez metros de diâmetro. Caxi se aproximou de Pablo e disse, em tom amistoso:

— Vê se acha um canto por aí e te estica. Essa hora a gente fica descansando. Não dá para fazer nada mesmo...

Lá de fora vinha um bafo quente. Deitaram-se no fundo da caverna e Pablo deu um jeito de ficar perto de Sharon. Estava curioso para saber mais alguma coisa daquela garota tão diferente das que ele havia conhecido. Consultou o relógio. Passava um pouco das onze horas. Em um canto, Robug se mantinha silencioso e emburrado. Se não fosse uma luzinha azulada, bem fraquinha, que de vez em quando acendia no alto da cabeça do robô, podia até parecer que estava desligado.

Pablo olhou para o lado e viu Sharon deitada, olhos fechados, a respiração regular. Ficou olhando, tentando adivinhar se ela estaria dormindo ou não. Mais adiante, Pacua

coçava o dedão do pé. Pacua, Babau, Caxi, Arrigo, Tucão... os nomes eram esquisitos, mas combinavam com os donos, mais esquisitos ainda e bem diferentes do que ele imaginava que fossem os marginais.

Silêncio, calor... uma moleza gostosa começou a escorrer pelos braços, pernas, pelo corpo inteiro. Foi dando sono. Estava quase dormindo quando sentiu a mão de Sharon tocando seu braço.

— Pablo, você está acordado?

O toque da mão da garota fez disparar uns arrepios estranhos, que se espalharam por todo o corpo. A sensação era boa. Nunca tinha sentido nada parecido. A voz de Pablo saiu rouca, meio tremida:

— Estou sim. O que foi?

— Queria conversar...

Pablo se virou para Sharon e apoiou a cabeça no braço dobrado.

— Lá fora você disse que estava procurando a sua mãe, não é? Eu... eu também estou procurando uma pessoa.

Sharon falava de um jeito meigo, bom de ouvir. Não havia sobrado nada daquela arrogância inicial. A garota fechou os olhos, respirou fundo e começou a contar:

— Minha família é irlandesa...

Depois dessa primeira frase, ela fez uma pausa. E foi uma pausa tão longa, que Pablo chegou a acreditar que a garota havia desistido de falar. Ficou pensando naquilo da família dela ser

irlandesa. Onde ficava mesmo a Irlanda? Depois de um tempo, Sharon abriu os olhos e continuou, com um sorriso triste:

— Meu pai era médico e trabalhava na Cruz Vermelha Internacional. Eu tinha quatro anos quando vim para o Brasil. Foi bem na época do surto de febre amarela no litoral. Moramos um tempo no Rio e depois meu pai veio para o Centro-Oeste, trabalhar nas áreas marginais, entre Brasília e Goiânia. Foi quando reapareceu o vírus SARS-CoV 5. Você já ouviu falar desse vírus, não é?

Pablo fez que sim com a cabeça. Não havia como esquecer a pandemia do SARS-CoV 5, que provocara um número assombroso de mortes e ainda assustava. Sharon continuou:

— Nós tomamos a vacina, mas deve ter acontecido alguma coisa. Talvez uma nova mutação no vírus, eu não sei... Acontece que a epidemia se intensificou e logo não havia remédios para o tratamento, nem novas vacinas.

No final da frase a voz saiu meio sumida. Sharon parou e respirou fundo.

— Enviaram remédios e novas vacinas, mas a primeira remessa só deu para tratar e imunizar as crianças. Os adultos ficaram esperando a remessa seguinte. Disseram que chegaria em poucos dias...

Sharon falava mais baixo, devagarinho, e Pablo teve a impressão de que ela ia começar a chorar.

— ... e afinal a nova remessa chegou, mas o meu pai, a minha mãe e uma porção de gente...

Sharon não conseguiu terminar. Pablo se lembrou de como havia se sentido com a morte do pai. Pensou em dizer alguma coisa, um consolo qualquer, mas aquela era uma dor que não dava para dividir e ele se calou. Depois de respirar profundamente, a menina continuou. Falava ainda mais baixo, como se estivesse conversando com ela mesma. Pablo teve de prestar muita atenção para entender todas as palavras.

— Antes de morrer, minha mãe me pediu para tomar conta de Ananda...

Novo silêncio. Sharon ficou um tempo enorme com os olhos perdidos em lembranças tristes. Chorava um choro sem lágrimas. Um choro que corria por dentro, que é o jeito mais triste de chorar.

Sem tirar os olhos dela, Pablo se angustiava. Tinha vontade de falar, de fazer alguma coisa, mas o quê? Por fim, meio sem jeito, tentando retomar o fio da conversa, perguntou:

— E quem é Ananda? Sua irmã menor?

— Não. Ananda é meu irmão. Meus pais viajavam muito. Viveram uns tempos na Índia e se apaixonaram pelo país. Em sânscrito, Ananda é um nome masculino e significa "felicidade".

— E onde está o seu irmão?

— Não sei. Ele sumiu.

— Sumiu? Como?

— A gente não sabe. Caxi é bom para rastrear. Ele acha que Ananda saiu andando sozinho, mas eu conheço bem o meu irmão, ele não ia fazer uma coisa assim.

Pablo perguntou, mostrando interesse:

— Você pode me contar tudo, desde o começo?

— Bem... Quando eu saía para buscar água ou procurar comida, costumava deixar o meu irmão com a turma. Você ainda não conhece o resto do pessoal. São quinze morando nesta gruta. Todos os dias a gente se divide em três grupos. Um fica aqui, cuidando do fogo, fazendo armas e armadilhas. Outro vai buscar água num poço perto do acampamento da estrada e o terceiro grupo sai atrás de alguma coisa para comer.

— E ainda dá para achar comida neste deserto?

— Sabendo procurar... Por aí ainda sobraram umas moitas de espinheiro, morada de lagarto, cobra, rato... tem também os gafanhotos, as larvas de cupim, as formigas...

A ideia de mastigar qualquer uma dessas coisas encheu Pablo de repugnância.

— Então *é* mesmo verdade aquela história do Caxi?

Sharon riu da careta de nojo que Pablo não conseguia disfarçar.

— Não é tão ruim assim. Gafanhoto é uma delícia! A gente deixa em cima de uma pedra, no Sol, e come quando está tostadinho. Pena que está ficando difícil de achar. Ananda...

Ia contar que Ananda era o melhor caçador de gafanhotos da turma, mas parou de falar. A lembrança do irmão doía. Sharon virou o corpo devagar e se sentou de frente para Pablo.

— Sabe, Caxi disse que Ananda saiu andando sozinho, mas isso não pode ser. Quando Ananda nasceu, os médicos

diagnosticaram uma mutação genética, talvez causada por radiação. Meu irmão é albino, Pablo — os olhos de Sharon estavam cheios de lágrimas — e ele é tão frágil, tão sensível... dá desespero pensar que está sozinho, perdido neste mundo difícil, perigoso... Às vezes eu acho que nunca mais vou ver o meu irmão.

Sharon chorava solto, soluços fortes, sacudindo os ombros. Pablo venceu a timidez, estendeu a mão e acariciou de leve a cabeça da menina.

— Olha, vai dar tudo certo... para nós dois, viu? Vamos fazer uma aposta? Você vai encontrar o seu irmão antes de eu encontrar a minha mãe.

Sharon não respondeu. Lágrimas grossas não paravam de escorrer pelo seu rosto. Cada vez mais aflito, Pablo ficou olhando aquele choro, sem saber o que fazer. De repente ela pediu:

— Posso ir com você? De carro vai ser mais fácil encontrar o meu irmão.

Pablo ficou tão surpreso com a proposta que nem conseguiu responder. Sharon insistiu:

— Eu não vou atrapalhar. Sei muita coisa que pode ajudar você a sobreviver nesse mundo fora da bolha. Então?

O Robug, lá do seu canto, estalou uns bips e clics agudos. Certamente não aprovava, mas Pablo estava achando ótimo. Sorriu.

— Eu tinha mesmo pensando em chamar você para ir junto...

— Verdade?...

Ela enxugou as últimas lágrimas e tentou sorrir:

— Você é um cara bacana. Obrigada.

Sharon bocejou e voltou a se deitar:

— Hum, estou com sono. Vamos dormir?

13 LEMBRANÇAS

Sharon se ajeitou em seu canto e logo dormiu. Pablo ainda ficou um tempo acordado, pensando nas coisas que a garota havia lhe contado. Na bolha ele vivia, praticamente, sem amigos. A mãe, sempre muito preocupada com doenças contagiosas, nunca o encorajara a brincar com as poucas crianças do condomínio. Mariana acreditava que Robug poderia ocupar o lugar do amigo que todo menino precisa ter.

O que mais havia contribuído, porém, para o afastamento de Pablo das brincadeiras e conversas comuns aos garotos de sua idade, fora a sua paixão por *games* digitais. Antes do colapso das comunicações, Pablo mantinha um site com dicas sobre o desenvolvimento de *games*.

Deitado no chão morno da caverna, Pablo observava os contornos irregulares das pedras da entrada. Não pôde deixar de pensar que, provavelmente, uma boa parte da humanidade deveria estar, naquela mesma hora, vivendo como se vivia na pré-história. Lembrou-se do seu Bené, um velhinho que morava no andar de baixo e gostava de contar casos. Tinha uma memória incrível! Lembrava de cada coisa...

Uma vez, quando conversavam sobre o momento difícil que o mundo enfrentava, seu Bené contou que, quando era pequeno, ouvia o seu bisavô afirmar, entusiasmado com o progresso da ciência, que o homem iniciava uma nova era. Ele acreditava mesmo que a geração de seus bisnetos herdaria um paraíso criado pela ciência e pela tecnologia, onde as máquinas substituiriam o trabalho humano e proveriam a humanidade de tudo o que ela pudesse necessitar.

As esperanças do bisavô de seu Bené podiam parecer um pouco ingênuas, mas... e por que não? Por que a ciência não havia cumprido o papel de trazer prosperidade e paz a todos os seres humanos? Sentiu o coração apertando no peito. Será que daquele seu mundo, construído sobre dígitos binários, não sobraria nada mais que um monte de lembranças se desmanchando com o tempo?

O calor fazia crescer a moleza e um formigamento gostoso foi tomando conta do seu corpo. Alguém começou a roncar, depois parou. Antes de fechar os olhos e se entregar ao

sono, Pablo viu a luzinha azulada na cabeça de Robug piscando devagar. O robô estava muito calado.

"Vai ver que está com ciúme" — pensou.

A moleza no corpo era tamanha que até os pensamentos iam chegando devagar, como se também estivessem com preguiça.

"Sharon falou de quinze pessoas morando nesta gruta. Como serão os outros?"

"Que coisa, hein? Quem diria que marginal podia ser assim, tão gente boa?"

"Hum... preciso parar de chamar essa turma de marginal. Eles não gostam. Sharon disse que marginal é quem fica à margem dos problemas do mundo. Os que se isolaram nos abrigos e nas bolhas. Engraçado... eu nunca tinha pensado nisso, assim, visto por esse lado".

"À noite faz muito frio... Essas roupas que eles usam não agasalham. Será que eles têm outras roupas? O corpo de Sharon é tão lindo... E quando ela ri, então... Que riso gostoso ela tem".

Pensando no riso de Sharon, Pablo dormiu, sorrindo também.

14 UM RITUAL DE COMUNHÃO

Pablo acordou com o cheiro bom de carne assada. A gruta estava ainda mais escura e, ao seu lado, Robug, finalmente, dava sinal de vida. Nos ícones da tela do robô predominavam cores quentes, em tons intensos de amarelo e vermelho. Um sinal de mau-humor, dizia a mãe de Pablo, que se divertia com as reações temperamentais do robô, expressas pelos ícones luminosos de sua tela.

— Pablo, já é quase noite. Vamos embora.

— Vamos sim. Vou me despedir do pessoal.

— Você não devia ter convidado a garota sem me consultar.

— Que implicância, Robug! Está parecendo dona Mariana... A Sharon é uma garota bacana.

— Ainda assim. Você não devia ter feito o convite.

— Não? E por quê? Tá bravo por que ela te chamou de monstrinho de lata?

O robô não respondeu, mas a tela do visor se cobriu de um chuvisco esverdeado, com um efeito néon assustador. Para deixar o robô um pouquinho mais enfezado, o garoto perguntou, em tom de brincadeira:

— Tá com ciúme, é?

O visor de Robug cobriu-se de vermelho. O robô disparou enérgicos clics, ignorados por Pablo, que seguiu para a entrada da caverna, onde uma cena inesperada o fez parar e se recostar a uma pedra. A Lua vinha nascendo, branca, cheia e linda. Sentado em um tronco seco, Caxi tocava flauta, enquanto Arrigo e Babau cuidavam do assado. Uma garota que ele ainda não conhecia examinava o lagartão e ao vê-lo acenou:

— Ei! Que carrão, cara! Posso dar uma olhadinha lá dentro?

A ideia não agradou ao robô, que disparou alguns clics mal-humorados. A menina se aproximou de Robug.

— E essa coisa mais linda? É o teu robô? Que demais! Como é o nome dele? Ele tem um nome, né?

— Tem sim, é Robug.

— Robug! Que nome legal! Gente, eu nunca vi nada tão fofinho!

Pablo achou engraçado chamarem um robô de metal e acrílico, duríssimo, de "fofinho". Mas a garota parecia estar se entendendo muito bem com o robô.

— Oi, Robug! Meu nome é Maíra. Puxa! Eu nunca tinha visto um robô, assim, tão de perto! O Caxi contou que você fala e faz uns barulhinhos gozados. Robug, fala o meu nome: "Ma-í-ra". Fala comigo, fala!

Robug sempre reagia muito bem a elogios. Diante dos olhos deslumbrados da menina, disparou uma explosão de efeitos luminosos em seu painel.

— Olá, Maíra, como vai?

A garota abriu um sorriso enorme e o robô, depois de alegres bips e clics, perguntou:

— Você gostou do carro? Quer dar uma volta?

Ela fez que sim com a cabeça. Estava tão feliz que nem conseguia falar. Robug abriu a porta do lagartão para a menina entrar. A zanga havia acabado.

Rindo por dentro, Pablo pensou que o Robug às vezes agia como criança. Deixou de lado o robô e foi andando devagar até onde a comida estava sendo preparada. O estômago doía de fome. Sua última refeição tinha sido no apartamento, um lanchinho de nada, pouco antes de saírem para a "operação fuga da bolha".

Babau virava com muito cuidado um pedaço de carne em uma chapa sobre brasas. Pablo sentiu o cheiro gostoso do assado e perguntou pela Sharon. Babau respondeu sem desviar os olhos da carne, que começava a dourar:

— Tá por aí, se despedindo do pessoal.

— O que vocês estão assando? O cheiro está ótimo.

— Lagarto.

— Lagarto?!

Babau deu risada da cara de nojo que Pablo não conseguiu disfarçar.

— Lagarto é bom, cara. Pior se fosse lalonge.

— Lalonge? Que é isso?

— É quando o lagarto foge. A gente fica com fome e ele ó... lá longe!

Pablo riu. Babau tinha um jeito engraçado de dizer as coisas. A flauta de Caxi tocava uma música rápida e alegre. Tudo ao redor parecia cintilar sob a luz da lua cheia. Um grupo ruidoso se aproximou, pulando sobre as grandes pedras próximas à caverna.

Logo todos estavam reunidos em volta do fogo. Como era um foguinho de nada, pois cada vez ficava mais difícil achar lenha ou qualquer outra coisa para queimar, sentavam-se bem juntos, fazendo uma rodinha apertada. Pablo então ficou conhecendo os outros moradores do abrigo.

Cinco deles eram irmãos de Babau, Maíra era irmã de Caxi. Tonhão, um cara desajeitado e grandalhão, era irmão gêmeo de Pacua. Os dois tinham três primas que também viviam ali. O grupo se comportava como uma grande família.

O lagarto não era dos maiores. Assado, mal chegava aos trinta centímetros. Mesmo assim foi dividido em dezesseis partes iguais. Pablo se espantou quando soube que aquela

coisinha à toa de carne seria o único alimento da turma naquele dia. Comentou, meio sem pensar:

— Gente, só esse pedacinho não dá pra todo mundo!

— Como é que não dá, meu irmão? — respondeu Caxi. — Tem que dar.

Depois de uma pequena pausa, continuou no mesmo tom bem-humorado.

— Mas não vai pensar que é todo dia que a gente só tem um lagartinho magricelo pro jantar.

— Às vezes são dois, né, Caxi? — completou Babau, dando outra forte cotovelada nas costelas de Pablo.

Maíra foi separando os pedaços de carne para que os outros pudessem se servir. Pablo olhou bem o rosto de cada um. Pegou o seu pedaço de lagarto assado e mastigou devagar. Lembrou do tempo em que sua avó ainda era viva e o levava à missa na catedral de Brasília. O ritual da comunhão...

A risada de Babau e a ameaça de uma nova cotovelada tiraram Pablo de suas lembranças.

— Ah, esqueci os lalonge! Tem dia que a gente come lalonge... Aí é duro meu irmão.

O lagarto até que estava gostoso, mas a fome continuava. Pablo se ergueu. Com passos rápidos caminhou até o lugar onde Robug estacionara o carro:

— Tem umas coisas no lagartão que vocês vão gostar.

15 A DESPEDIDA

Um vento forte, gelado, começou a soprar e Pablo sentiu um arrepio. Não pôde deixar de imaginar que se as árvores e os animais desaparecidos tivessem qualquer coisa como uma alma, o mundo devia estar cheio de fantasmas. Espectros da vida animal e vegetal do planeta Terra... Talvez, até se parecessem com o vento frio que passava uivando entre as pedras. Aquele pensamento deixou seu coração angustiado. Que coisa mais triste... As sombras da vida vagando na aridez da Terra devastada.

Em sua cabeça, pulsava uma pergunta: de quem seria a culpa por toda aquela desgraça? Teria sido a ignorância, a corrupção, a ganância das gerações anteriores? Ou haveriam outras razões e circunstâncias que ele desconhecia?

No lagartão, Robug verificava o painel de controle do carro.

— Pablo, veja se a garota está pronta. Não podemos nos atrasar.

O garoto respondeu com um "tá", meio distraído. Estava esfriando. Pensou em pegar um agasalho, mas desistiu ao se lembrar dos amigos. Se eles podiam aguentar o frio, ele também aguentaria. Pegou algumas latas de mantimentos. De volta ao acampamento a comida foi recebida com entusiasmo. Babau não parava de repetir.

— Não acredito, meu irmão! Não acredito! É feijoada!

Luciana, a mais novinha do grupo, pegava os grãos de feijão na ponta dos dedos e cheirava antes de comer. Pacua, apesar de fechado e caladão, não parava de rir.

— E tem feijão mesmo! Olha só!

— Ô meu irmão, queria que feijoada tivesse o quê?

— Gente, eu nunca comi isso...

— É gostoso...

— Gostoso demais.

Iam comendo devagar, rindo, brincando uns com os outros. Comiam com as mãos, lambendo os dedos, saboreando cada grãozinho de feijão, cada pedacinho de carne.

Depois do jantar a conversa se estendeu até mais tarde. Assunto é o que não faltava. Todos tinham uma curiosidade enorme em saber coisas do mundo dentro das bolhas. Pablo,

por sua vez, estava louco para conhecer um pouco mais sobre a vida fora das áreas protegidas. Durante muito tempo havia acreditado que os marginais eram uma espécie de sub-raça humana. Bandidos brutais, perigosos, que deviam ser evitados e, em caso de necessidade, eliminados.

Lembrou-se do administrador-geral, dos síndicos, dos guardas armados até os dentes. Tanto medo... Admirou, então, ainda mais, aquela gente cheia de energia e coragem, que enfrentava, de mãos vazias, dias tão árduos.

Chegou a hora das despedidas. Sharon beijou e abraçou os amigos um a um. Abraços demorados, cheios de saudade antecipada. Pablo olhava aquele tanto de abraço, pensando em como era bonita a amizade que havia entre eles. Babau se aproximou e deu mais uma cutucada nas costelas do rapaz.

— A gente ainda se cruza, cara!

— Tchau, Pablo! Tchau, Sharon! — gritaram todos quando o carro se pôs em movimento.

— Tchau, Robug fofinho! Adorei você! — gritou Maíra, mandando um beijo para o robô.

Robug acenou com o braço sanfonado, piscando festivamente as luzes mais coloridas de seu painel.

— Tchau, Maíra!

Levantando uma nuvem grossa de poeira, o lagartão desapareceu por trás das pedras que protegiam a entrada da gruta.

16 EXTRATERRESTRES

Para Sharon tudo naquela viagem era novidade. Observava com muita atenção os movimentos do Robug e, de vez em quando, perguntava alguma coisa sobre o funcionamento do carro. O robô, no entanto, continuava respondendo com clics e monossílabos.

Pablo olhou o relógio. Faltava pouco para meia-noite. Planejavam ir direto para Barra do Garças, onde começariam as buscas. As trilhas estavam claras, iluminadas pelo luar. O prateado da paisagem noturna fez Pablo se lembrar da mãe. Mariana se encantava com as noites de lua cheia. Sentiu saudade. Foi nessa hora que percebeu uma estrela meio estranha, brilhando bem baixo, pouco acima do horizonte, ao norte, e comentou:

— Aquela estrela... como ela é diferente!

— É a estrela de Belém — Sharon explicou. — Apareceu no início de novembro. Outro dia passou uma caravana, seguindo o rumo da estrela. Diziam que Jesus ia nascer de novo em Belém do Pará.

Dígitos luminosos cobriram a tela do Robug:

— Aquilo não é uma estrela, Pablo.

— Não?!

— Reparem o seu tamanho. Quase duas vezes maior que o planeta Vênus. Tem um brilho fixo, intenso, levemente arroxeado. Não parece ser uma estrela.

Pablo resolveu brincar.

— Vai ver é um disco voador.

Bem depressa Sharon respondeu que não.

— Disco voador é diferente.

— E como é que você sabe? Já viu algum?

— O quê? Disco voador? Sim, eles estão sempre aparecendo. De uns tempos para cá, é raro o dia em que a gente não vê um.

Pablo examinou o rosto de Sharon, tentando descobrir se aquela história de disco voador era uma mentira com jeito de verdade ou uma verdade que parecia mentira.

— Você já viu mesmo um disco voador?

— Ué, já!

— Mas já viu algum disco assim, bem de perto?

— Não.

— E extraterrestres?

Sharon riu.

— Não!... Eles sempre passam voando bem alto.

— Você está brincando...

Sharon sacudiu os ombros. Sorriu ao ver a expressão desconfiada de Pablo. Ia responder, contar das vezes que ela e os amigos haviam visto discos voadores, mas não precisou dizer nada. Uma revoada de nove discos em formação de seta atravessou o céu de oeste para leste. O robô disparou alguns clics. Pablo, surpreso, acompanhou o percurso das naves até que sumissem no horizonte.

— Você... viu aquilo?

Sharon ia dizer "Não falei?" mas emudeceu. O que se seguiu foi tão incrível que conseguiu perturbar até mesmo o Robug.

O Sol, que havia se posto mais ou menos às sete horas da noite e deveria nascer por volta das cinco e meia da manhã do dia seguinte, erguia-se no céu, clareando tudo.

Confirmaram a hora: vinte e três horas e dezoito minutos. A tela do painel de Robug piscava tão loucamente seus dígitos luminosos, que Pablo teve medo de que os circuitos do robô se danificassem.

Resolveram parar o carro. O Sol descreveu uma curva bem aberta no céu, como se estivesse seguindo o caminho de um arco-íris e pela segunda vez no mesmo dia voltou a se pôr.

Depois que tudo acabou, Pablo e Sharon, perplexos, ainda consideraram a ideia de que aquela cena absurda não

tivesse passado de algum tipo de alucinação. O robô acabou com as dúvidas.

— Dentro do nosso sistema horário ainda faltam trinta minutos para o dia terminar. No entanto, acabamos de presenciar o nascer e o pôr-do-sol de mais um dia, com a duração de, aproximadamente, doze minutos. Este foi, certamente, o dia mais curto já registrado na história.

Nuvens pesadas e escuras se espalharam pelo céu, cobrindo a Lua e as estrelas com uma rapidez impressionante. Robug tornou a ligar o carro. Sharon, preocupada, pensava no que poderia ter feito o Sol aparecer e desaparecer daquele jeito. Com os olhos perdidos na escuridão, Pablo comentou, como se tivesse ouvido o pensamento da garota:

— Já estava difícil viver num planeta maluco. Agora, com o Sol endoidando também...

Robug corrigiu o garoto:

— O movimento do Sol é aparente. Foi a Terra que se movimentou bruscamente. Deve ter acontecido alguma alteração na posição do eixo ou na órbita do planeta.

O vento forte foi aumentando e, pouco tempo depois, se transformou em um verdadeiro furacão. O robô aumentou a potência dos faróis. Longe, para o lado da serra, podiam ver os clarões de uma infinidade de raios.

— Seria bom encontrar um abrigo. Aquela tempestade magnética logo vai nos alcançar.

O lagartão foi sacudido com violência. Robug acionou os ícones vermelhos de alerta, disparou apreensivos clics e avisou:

— Segurem-se! Terremoto!

Pablo se firmou como pôde. Mordeu o lábio inferior com força, arregalou os olhos e ficou paralisado. O medo era grande demais. Protegida pelo cinto de segurança do banco traseiro, Sharon também parecia muito assustada. Afinal, os solavancos começaram a diminuir de intensidade até cessarem de vez. Passado o susto, Pablo perguntou:

— Robug, o que está acontecendo?

— Não tenho dados, mas sei que qualquer mudança na posição do eixo ou na órbita de um planeta é um fato gravíssimo e suas consequências...

De repente, no meio da frase, Robug se calou. As lâmpadas se apagaram. O carro parou. Nada funcionava. Era como se toda a energia do lagartão tivesse sido sugada de uma só vez. Pablo gritou, chamando o robô, e começou a tatear no escuro procurando a grade protetora dos controles de Robug. Quando encontrou, tentou acionar as teclas, mas não obteve resposta. O robô continuava inerte.

Depois de alguns segundos na mais completa escuridão, uma luminosidade difusa foi se espalhando em torno do lagartão. A terra voltou a tremer e Pablo desistiu do robô. O lagartão balançava como se a qualquer momento pudesse ser levado pelos ares.

A tempestade magnética se aproximava. Os relâmpagos e os trovões eram assustadores e proporcionavam um espetáculo terrível de se ver e ouvir. Pablo teve um sobressalto quando a mão de Sharon, gelada, apertou seu braço com força. Acompanhando o olhar da menina, viu algo que fez seu coração bater tão forte que o peito chegou a doer.

Uma enorme aeronave pairava a menos de dez metros do lagartão. Tinha a forma de um prato fundo emborcado e emitia luz amarelo-alaranjada. Sem ruído, a nave se aproximou e flutuou sobre o carro a poucos metros de altura. Pablo e Sharon ouviram um zumbido agudo e, em seguida, perderam os sentidos.

17 EM UM DISCO VOADOR

Pablo acordou em um quarto pequeno e pouco iluminado. Na cama ao lado Sharon parecia dormir. Além das duas camas, não havia nenhum outro móvel, nem portas ou janelas visíveis. A lembrança dos estranhos acontecimentos trouxe novas inquietações. Chamou baixinho:

— Sharon!... Sharon!...

A garota abriu os olhos, fechou de novo, e resmungou alguma coisa, ainda meio adormecida. Pablo insistiu:

— Sharon, acorde!

Ela abriu os olhos mais uma vez. Parecia perdida em um resto de sonho. De repente, olhou em volta e, de um pulo, se sentou na cama, assustada.

— Pablo! Que lugar é esse?

— Não sei. Acabei de acordar agora.

— E o disco voador? Lembra?

Nesse instante uma porta que Pablo não havia percebido se abriu. Um homem alto, vestindo uma espécie de macacão prateado, se aproximou e, sorrindo amistosamente, perguntou:

— Como estão?

Sharon respondeu com aquele jeito brusco que Pablo já conhecia.

— Tudo bem. E você, quem é?

— Meu nome é Yurian — a voz era baixa, tranquila, mas a pronúncia das palavras soava de um jeito estranho.

— Venham comigo.

Yurian foi para o corredor, onde ficou esperando que os dois o seguissem. Pablo cochichou:

— Acho que ele é um extraterrestre.

— Não parece...

— Você já viu algum?

— Não.

— Então...

Sharon tinha um palpite sobre Yurian:

— Acho que ele é russo. Você viu o nome? É nome russo.

Seguiram Yurian por um corredor de formato tubular, com portas semelhantes à do quarto onde haviam acordado. Eram portas sem fechaduras visíveis, lisas, estreitas, feitas do mesmo material das paredes, um metal opaco que lembrava o

aço escovado. Pablo se lembrou do sonho com os corredores do reino subterrâneo de Androk.

"Será que eu estou sonhando de novo?"

Olhou para o rosto de Sharon e encontrou uma pequena ruga de preocupação entre as sobrancelhas da garota. Não, aquilo não era um sonho.

— Queria saber onde o Robug está — falou bem baixo, junto ao ouvido de Sharon.

— Eu quero saber é onde nós estamos — respondeu a garota, num sussurro tenso.

— Acho que eu sei.

— No disco?

— Sim.

Sempre acompanhando Yurian, entraram em um espaço cilíndrico, pouco iluminado, que Pablo imaginou ser um elevador. Depois de alguns segundos, a porta se abriu e caminharam por novos corredores, até uma grande sala circular.

Nas paredes da sala estavam dispostas seis telas negras, enormes. Ao centro havia uma espécie de mesa retangular, coberta por um painel prateado. Diante da mesa, dois homens magros e altos, vestidos como Yurian, pareciam atentos ao painel.

Pablo e Sharon foram conduzidos a uma das seis telas que circundavam a sala. Ao se aproximarem, perceberam que as telas eram janelas enormes. Lá fora devia ser noite, e das mais escuras, pois não se via praticamente nada. Afinal, Yurian falou:

— O palpite de vocês está certo. Estão dentro do que chamam "disco voador".

Intrigada com o comentário de Yurian sobre seus palpites, Sharon pensou: "Ouvidinho danado... A gente estava conversando tão baixo..."

Pablo perguntou, ansioso:

— E o meu robô?

— O robô e o carro estão a salvo.

— A salvo do quê? — perguntou Sharon.

Antes de responder, Yurian caminhou até a mesa e aproximou os dedos do painel:

— Acho que o pior já passou.

Pablo e Sharon se entreolharam. Não compreendiam o significado do que Yurian dizia, mas intuíam que alguma coisa muito grave havia acontecido. Sharon insistiu, aflita:

— Você não respondeu a minha pergunta. O que está acontecendo?

Yurian fez um gesto, como se fosse responder, mas de repente seu rosto ficou muito sério e atento. Voltou-se para os dois homens que trabalhavam diante da tela prateada e começou a agir como se Pablo e Sharon não estivessem presentes. Irritada, a menina reclamou em voz baixa:

— Não gosto quando me largam falando sozinha...

Naquele momento, algumas janelas da nave iluminaram-se fracamente. Pablo e Sharon se aproximaram e olharam para baixo. O disco movimenta-se bem devagar. Um feixe largo de

luz, que parecia sair da parte de baixo da nave, iluminava uma quantidade inacreditável de água. Pablo perguntou:

— Isso é o mar?

Não obteve resposta. Uma ilhota rochosa apareceu no meio das águas grossas e barrentas. Chovia. A nave reduziu ainda mais a velocidade e parou sobre uma cápsula oval, ligeiramente alongada, encalhada em um monte de pedregulhos.

O disco aterrissou suavemente. Uma rampa foi baixada e cinco homens desceram ao solo. Caminharam até o objeto e fixaram quatro placas escuras em torno dele. A cápsula flutuou a uns vinte centímetros do solo. Depois, sozinha, deslizou para a rampa e sumiu dentro da nave. Pablo comentou:

— Que carro esquisito.

Yurian voltou-se para eles e respondeu:

— Não é um carro, mas uma cápsula de salvamento. Muitos dos que se refugiaram em abrigos subterrâneos tinham cápsulas como essas. No caso de enchentes inesperadas poderiam ser ejetados para a superfície.

— Quer dizer que pode ter alguém dentro daquela coisa?

— Sim, há pessoas na cápsula, Sharon.

— Ei!... Eu não disse meu nome...

— Bem... digamos que eu tenha uma certa facilidade de... adivinhar coisas.

Sharon olhou Yurian com irritação. Suas perguntas ainda não haviam sido respondidas. Estavam mesmo em um disco

voador? O que havia acontecido lá embaixo? Yurian respondeu aos pensamentos da menina.

— Estamos em missão de salvamento. Nossa aeronave sobrevoa agora o Vale do Rio Doce, em Minas Gerais.

"Não é que ele adivinha mesmo?" — os olhos de Sharon brilharam de surpresa e admiração.

— Quanto ao que aconteceu... Bem, já faz algum tempo que os mares avançam sobre os litorais. Ontem as águas recuaram bem abaixo dos seus antigos limites e, em seguida, regressaram com uma violência extraordinária. O mar invadiu os vales dos rios secos, que voltaram a correr, mas em sentido contrário, alagando tudo à sua volta. No Brasil, cidades de até quinhentos metros de altitude foram lavadas com água salgada.

18 UM MUNDO DESFIGURADO

As palavras de Yurian deixaram Pablo e Sharon paralisados. O garoto mordeu com força o lábio inferior. Sua cabeça começou a doer:

— Deve ter morrido gente demais...

— Sim, morreu muita gente. O mundo está desfigurado. Os sobreviventes talvez não cheguem a um décimo da população que antes existia na Terra.

Os olhos de Sharon se encheram de lágrimas.

— Meu irmão... meu irmão está aí embaixo, perdido nesse mundaréu de água!

Pablo pensou na mãe. O coração ficou apertado de saudade e preocupação.

— Yurian, lá onde você pegou a gente também está assim inundado?

—Vocês foram recolhidos no início de todos esses acontecimentos, em um local próximo ao encontro de dois grandes rios: Garças e Araguaia. Está chovendo muito e depois de todos esses anos de seca os leitos estão rasos. Embora diferentes das enchentes do litoral, também estão acontecendo cheias no interior do país.

Sharon começou a chorar. Um choro silencioso, de lágrima descendo devagarinho. Pensava nos amigos deixados para trás. Veio um nó na garganta de Pablo. Também sentia vontade de chorar e não conseguiria segurar as lágrimas por muito tempo mais. Perguntou a Yurian:

— E a Serra do Roncador? Também foi coberta pelo mar?

— As serras são mais seguras, mas ainda não sabemos o que aconteceu naquela região.

Pablo enxugou duas lágrimas, aproximou-se mais de Sharon e disse em voz baixa:

— A gente fez uma aposta, lembra? Eu ainda acho que você é quem vai ganhar. Vamos encontrar o seu irmão, Sharon!

Teve vontade de abraçar, de fazer um carinho na menina, mas faltou coragem. Voltou-se para Yurian:

— Você disse que o Robug e o carro estavam a salvo. Eu quero ver o meu robô.

Yurian trocou olhares rápidos com os homens que trabalhavam junto ao painel prateado e disse:

— Venham. Esse foi o último resgate. Vamos voltar para a base.

No elevador, Yurian perguntou se estavam com fome. Enquanto atravessavam novos corredores, explicou que certos sons emitidos pela nave, embora fossem quase inaudíveis, podiam fazer algumas pessoas perderem os sentidos durante a aproximação para o resgate.

— Vocês dormiram por mais de oito horas seguidas.

Pablo estava curioso sobre a nave e seus tripulantes. Seriam mesmo extraterrestres? Nesse caso, qual o seu planeta de origem? O que faziam na Terra além de resgatar os sobreviventes daquela inundação? Foram perguntas que ele não teve tempo de fazer, pois logo chegaram a um grande salão redondo, com quatro colunas metálicas. Ao lado de uma das colunas o robô parecia inerte, silencioso e sem o brilho de suas luzinhas piscando no painel.

— Robug!

Pablo correu para junto do robô.

— Ele está todo desligado!

Empurrou a tampa metálica que protegia os controles do robô e foi religando circuitos. Yurian não chegou a entrar na sala. Parou na porta e disse a Sharon:

— Fizemos muitos resgates e as pessoas começam a recobrar os sentidos. Preciso deixar vocês por algum tempo. Fiquem aqui me aguardando e, por favor, não andem sozinhos pela nave.

Um grito de pura felicidade ecoou na sala vazia.

— Liguei! Liguei o Robug!

As luzes do robô piscavam entre muitos clics. Antes de sair, Yurian avisou:

— Logo terão companhia. Também vamos mandar comida, certo?

Enquanto caminhava pelos corredores da nave, Yurian pensou que haviam realizado dezesseis operações de salvamento em quase doze horas de trabalho. Das cento e trinta e duas pessoas recolhidas, noventa e oito tinham menos de dezesseis anos. Nas cidades, nos acampamentos, em meio à desolação e desespero geral, as crianças estavam quase sempre sozinhas e acabavam, afinal, se virando melhor que os adultos. Sorriu. Seria um mundo reconstruído por crianças.

19 NA BASE

A chuva parou antes de chegarem à base. Era dia, mas continuava escuro, como se ainda fosse noite. Nuvens cinzentas, baixas e densas, aumentavam a sensação de angústia. Muitas pessoas, principalmente os mais velhos, se queixavam de falta de ar.

À primeira vista, a base não passava de um grande campo de pouso em terra batida, construído entre morros escarpados. Ali, após a aterrissagem, as naves descarregavam o que haviam recolhido nas ações de resgate e partiam para novas missões.

O desembarque de cento e trinta e duas pessoas, um robô, várias cápsulas de salvamento, uma lancha e dois carros foi acompanhado de perto pela tripulação. Enquanto um

grupo retirava os veículos e as cápsulas da área de pouso, Yurian e outros quatro tripulantes levaram os que haviam sido resgatados para a única construção visível: um bloco compacto, encravado no sopé de uma encosta.

Após atravessarem um grande portal de pedra, entraram em um longo corredor, com muitas portas e ramificações. Um grupo de crianças seguia à frente de todos, se acotovelando em torno do robô. Os adolescentes, entre eles Sharon e Pablo, vinham um pouco mais atrás, ao lado do pessoal da nave. O cortejo era fechado pelos adultos, carregando nos rostos expressões que iam da desolação ao desespero mais absoluto.

Pablo ficou surpreso ao perceber que haviam chegado a uma caverna. Centenas de pontas de estalactites se projetavam do teto alto e abobadado, formando colunas e fantásticas esculturas naturais. O lugar o fez se lembrar, mais uma vez, do sonho com o reino subterrâneo de Androk.

Ao ver que Robug parecia estar muito satisfeito com a alegria barulhenta dos meninos, Pablo sentiu uma ponta de ciúme. Chegou a resmungar, em voz baixa:

— Com esse grude todo vão acabar arrancando alguma peça do meu robô.

Sharon observava, fascinada, os efeitos de sombra e luz sobre as formações calcárias da gruta. Tão bonito que nem parecia de verdade. Pablo, no entanto, sentia-se ansioso e inquieto. O sonho não lhe saía da cabeça. Comentou com a amiga:

— Você acredita que ainda outro dia sonhei com um lugar parecido com este?

— Acredito. Meu irmão vivia sonhando com coisas que ainda iam acontecer. Uma vez a gente estava voltando para a gruta e ele disse: "Vamos entrar com cuidado. Tem uma cobra enrolada perto da entrada, do lado direito".

— E tinha mesmo?

— Tinha. Uma baita jararacuçu de metro e meio.

Nesse instante a voz de uma mulher ecoou na caverna e logo dominou o falatório geral:

— Atenção, por favor! Meu nome é Naline. Eu estava na tripulação da nave de resgate que os trouxe para cá.

Naline subiu numa estalagmite achatada, em forma de cogumelo. Era muito parecida com Yurian. As mesmas roupas, a mesma altura e, no rosto, os mesmos traços suaves.

— Esse grupo foi o primeiro a chegar nesta base. A qualquer momento chegarão outros refugiados. Como ainda não é seguro voltar para a superfície, seria bom que se acomodassem neste espaço da melhor maneira possível.

Um homem grandão, de bigode grisalho, que segurava duas crianças pelas mãos, perguntou com voz autoritária:

— E as refeições? Meus netos estão com fome.

— Não se alimentaram na nave?

— Você está falando daquelas bolachinhas? Aquilo é comida de marginal.

Sem mudar a expressão amigável, Naline respondeu em tom calmo e firme:

— O que temos são esses concentrados de proteínas, vitaminas e sais minerais.

— São intragáveis!

— Lamento, mas é o que temos para oferecer.

O rosto do homem se contraiu. Parecia alguém acostumado a ter suas ordens obedecidas:

— Olha, mocinha, não me interessa ficar aqui discutindo com você. Quero falar com o comandante.

— Impossível.

— Ora, impossível... Você sabe com quem está falando? Minha empresa é uma das poucas que continuam ativas em meio ao caos. Para mim não existe impossível. Leve-me ao comandante.

Naline continuou impassível:

— O senhor não tem autorização para falar com o nosso comando. Suas dúvidas a respeito da alimentação foram esclarecidas. Agora, com licença.

E voltou a falar ao grupo apesar dos protestos do homem.

— Temos muitas crianças com menos de cinco anos que foram resgatadas sem os pais. É necessário formar grupos de voluntários que se disponham a cuidar delas.

Uma mulher alta, de uns sessenta anos, gritou lá do fundo:

— Eu tenho uma sugestão!

E se adiantou abrindo caminho entre os refugiados.

— Dá licença... licencinha...

Naline desceu da estalagmite, para que a mulher subisse.

— Olha aqui, pessoal, eu acho que agora o que nós temos que fazer é entreter a criançada com histórias, brincadeiras, jogos, essas coisas que criança gosta. Desse jeito fica mais fácil para todo mundo. A gente diverte a turminha e vai se distraindo também.

Fez uma pausa para respirar e perguntou:

— Então?

Então a maioria aprovou a ideia. Só uns poucos foram contra, exigindo que o problema da alimentação fosse resolvido primeiro, mas ficaram falando sozinhos. Um espaço circular foi marcado no chão e as crianças se sentaram em volta. Robug, que por si só já era uma atração, contou algumas das histórias que costumava contar para Pablo, quando ele ainda era um garotinho. Dona Estela, a que teve a ideia de entreter as crianças, ensinou brincadeiras e antigas canções infantis. Com a chegada de novos grupos, apareceu um mágico e uma dupla improvisada de palhaços, que fez o maior sucesso.

O tempo passou depressa. Por duas vezes houve distribuição das tais bolachinhas. Afinal, foi sugerido que encerrassem as atividades para que todos pudessem dormir. Enquanto Robug percorria a caverna, desejando às crianças

uma boa-noite, Pablo e Sharon aproveitaram para procurar Yurian. Muita coisa precisava ser esclarecida e, no corre-corre daquele primeiro dia, não havia sobrado tempo para conversarem. Sharon tinha um palpite:

— Sabe o que eu acho? Eles devem ser de alguma organização internacional de assistência. Coisa aqui da Terra mesmo.

Pablo não respondeu. Estava prestando atenção em Naline, que conversava com algumas pessoas do outro lado da caverna. Apesar do ceticismo de Sharon, ele continuava pensando que aquela gente estranha e suas naves não eram da Terra. Estava à espera de uma oportunidade para conseguir mais explicações, quando viu Yurian aproximar-se de Naline. Tocou o braço de Sharon, apontando os dois que se encaminhavam para um dos portais:

— Vamos lá?

Seguiram Yurian e Naline até bem próximo ao portal. Quando Pablo percebeu que seria difícil alcançá-los, antes que desaparecessem atrás das portas metálicas, pensou em gritar o nome de Yurian, mas como que percebendo sua intenção, ele se voltou:

— Querem falar comigo?

20 DAFSE

Os garotos foram alcançados pelo Robug antes que as portas automáticas do portal se fechassem sobre os seus passos. Naline deu um tchau sorridente e entrou em um dos corredores laterais. Pablo, Sharon e o robô continuaram acompanhando Yurian pelo corredor principal.

— Então vocês querem saber quem somos e de onde viemos... Não estão cansados?

Pablo respondeu pelos dois:

— Não.

Mentira. Estavam caindo de cansaço, mas a curiosidade era maior. Entraram em uma sala onde os únicos objetos visíveis eram uma mesinha baixa, semelhante às da cabine de

comando da nave, e uma grande tela cristalina. O piso era liso, num tom de cinza bem clarinho, com dois círculos escuros, cor de grafite. Um dos círculos, o menor, localizava-se diante da mesa; o outro, um pouco maior, ocupava boa parte do espaço diante da tela. Yurian apontou a área demarcada pelo círculo maior:

— Vocês podem se sentar ali.

Enquanto Pablo e Sharon se acomodavam no chão, dentro do espaço delimitado pelo círculo, Yurian sentou-se sobre o círculo menor, e tocou o painel da mesa. Uma infinidade de estrelas cobriu a tela cristalina.

— Vejam — disse Yurian, apontando uma das estrelas —, esse é Kieron, o nosso sol. Aqui na Terra, os astrônomos chamam essa estrela "*Zeta Reticulum*".

A imagem foi ampliada. Kieron ocupava agora quase toda a tela. Yurian continuou:

— Onze pequenos planetas descrevem órbitas regulares em torno de Kieron. Um deles, o quinto, é tão azul quanto a Terra.

Belas imagens foram aparecendo na tela. Animais, plantas estranhas e muita água. Um paraíso que lembrava, pela exuberância, as extintas florestas tropicais terrestres.

— Eis Dafse, o planeta de onde viemos.

Pablo olhou Sharon, com jeito de quem diz: "Viu só o que eu disse?", mas a atenção da garota estava toda voltada para as

imagens que se sucediam na tela. Um barco a vela navegava em águas translúcidas, que brilhavam em tons de ocre e violeta. Nas margens, entre árvores gigantescas, se espalhavam casas circulares, suspensas a cinco ou seis metros do solo da mata por uma verdadeira teia de cabos de aço e trepadeiras.

As casas ligavam-se umas às outras por grandes passarelas, que pareciam ruas suspensas. Nas varandas, crianças, jovens e velhos de aspecto saudável se ocupavam em diferentes atividades ou, simplesmente, se esticavam ao sol. Como na Terra, as crianças jogavam bola, nadavam no rio, navegavam em jangadas improvisadas ou brincavam com uns animais engraçados, bem diferentes dos animais domésticos da Terra.

— Essa é uma cidade de floresta — disse Yurian — e abriga cerca de cem mil pessoas.

Surgiu no telão uma grande cabana rústica, arredondada, coberta de fibra natural e construída sobre palafitas. Apesar da impressão inicial de simplicidade na arquitetura, havia sofisticação e elegância nos detalhes e no acabamento.

— Parecem as ocas dos índios! — disse Sharon.

Pablo estava decepcionado. Aquela cidade não combinava com os discos voadores e toda a tecnologia que aquele povo aparentava possuir.

— Por que vocês constroem as casas assim, no alto?

— Nessa altura ficamos livres do calor e dos mosquitos.

— Mosquito?! Vocês têm mosquitos por lá?

Yurian riu.

— Claro, são mais coloridos do que os daqui, mas incomodam do mesmo jeito.

Pablo não conseguia esconder seu desapontamento. A ideia que fazia de um planeta com tecnologia para longos voos espaciais era bem diferente daquilo que estava sendo mostrado na tela.

— E as cidades grandes? Onde estão as lojas, as fábricas, as usinas, os laboratórios de pesquisas...

— Essa cidade é uma das maiores de Dafse.

— O quê?! Você está brincando...

Robug disparou as luzinhas do painel e vários *clics*. Dois pares de olhos surpresos e mais os sensores do robô se fixaram em Yurian. Foi Sharon quem perguntou:

— Ué, não tem gente lá?

Como resposta Yurian sorriu e apontou o telão. Foram aparecendo uns morros bonitos, cobertos de mata, campos de plantio entremeados de pomares, cascatas, pedras enormes, rios de água cristalina, aves e animais. Tudo muito cheio de luz e cores intensas. De vez em quando o terraço de uma casa surgia entre árvores.

— Observem como a integração das cidades com o meio ambiente é quase perfeita. Essa é uma das áreas mais povoadas de Dafse.

Yurian mostrou novas imagens e depois continuou:

— Cidades grandes demais trazem muitos problemas. Há um limite para o crescimento da população de qualquer cidade. Entre nós, fixamos esse limite em torno de cem mil pessoas. Alcançado esse número máximo, partimos para a formação de novos núcleos, como uma célula que se reproduz.

As imagens se apagaram e Yurian continuou:

— Num passado muito distante os dafsianos viviam em cidades enormes, tão grandes quanto foram as cidades de Nova Iorque, São Paulo, Tóquio...

Surgiu na tela a imagem de uma cidade imensa, com prédios de formatos estranhos e um complexo sistema de ruas, túneis e viadutos. Yurian continuou:

— Essa é a imagem de uma cidade muito antiga. Suas ruínas ainda estão de pé, para nos lembrar de erros que não devemos repetir. Em outros tempos, atividades predatórias desequilibraram o meio ambiente, provocando a extinção de inúmeras reservas minerais e vegetais. Afinal, uma guerra terrível terminou por arrasar o pouco que ainda se mantinha em pé. Para os sobreviventes, o recomeço foi um grande desafio. Se nossos antepassados não tivessem observado os erros antigos e procurado reorganizar a vida no planeta de forma que esses erros não se repetissem, a reconstrução de nosso mundo não teria sido possível.

As árvores voltaram ao telão. Plantações bem-cuidadas, pomares de frutos dourados pelo sol, pessoas trabalhando, se divertindo...

Pablo tinha uma pergunta:

— As fábricas, em seu planeta, são parecidas com as que temos na Terra?

Sharon corrigiu:

— Com as que tivemos.

Yurian pensou um pouco antes de responder:

— Não, Pablo, nossas indústrias não se parecem com as que existiram aqui na Terra. Somos uma sociedade que cuida bem de si mesma, que conhece os seus deveres e sabe administrar o que está sob sua responsabilidade. Todos nós trabalhamos muito. Valorizamos o trabalho e temos prazer em trabalhar.

Yurian fez nova pausa nas imagens que iluminavam a tela.

— Parece decepcionado, Pablo. Não é o que esperava?

— É meio diferente do que andei vendo nos livros e nos filmes de ficção. Nessas histórias, os outros planetas tinham sempre governos fortes, grandes líderes, megacidades...

Pablo franziu a testa, coçou o queixo, e disse a Yurian:

— Casa em cima de árvore, telhado de palha... Isso não combina com disco voador, viagem interestelar...

Yurian explicou:

— A escolha das árvores como *habitat* urbano foi resultado de muitos anos de estudo em busca de espaços ideais para se viver. O espaço interno das árvores, entre os ramos, onde os homens primitivos se desenvolveram, é um espaço de origem, onde encontramos equilíbrio, alegria e paz.

— Yurian, como vocês conseguiram reconstruir o seu mundo assim, sem repetir os mesmos erros das gerações anteriores?

— Em primeiro lugar, Sharon, acabando com a ignorância. Toda a riqueza vem da educação e do trabalho. Coragem, perseverança, verdade, solidariedade, honestidade, respeito mútuo, são alguns dos valores que ajudaram nosso povo a se reerguer.

Pablo ainda tinha dúvidas sobre a organização daquele mundo distante.

— Eu sempre pensei que preservação do meio ambiente e desenvolvimento tecnológico eram duas coisas incompatíveis. Queria entender como vocês conseguiram construir naves espaciais sem priorizar a tecnologia.

— No passado, os dafsianos se dedicaram a pesquisas espaciais, mas essas primeiras viagens não passaram de incursões às nossas luas e planetas vizinhos. Após a grande guerra, a reconstrução de nosso mundo deu-se, em todos os sentidos, a partir de novos conceitos de vida. Com isso, nossa ciência se revitalizou, cresceu sobre bases mais amplas.

— Você disse "luas"? — Sharon perguntou. — Quantas luas tem Dafse?

— Temos três luas, Sharon. Tão lindas quanto a que vocês têm aqui. Sabem, a humanidade terrestre é como uma criança que está crescendo. Talvez essa criança agressiva e egocêntrica esteja, finalmente, entrando em uma idade de amadurecimento e responsabilidade.

Yurian fez uma pausa mais demorada, olhou nos olhos de cada um dos adolescentes e completou:

— Durante séculos buscamos o caminho para as estrelas, os portais do universo, mas os segredos dessa imensidão aparentemente intransponível, o espaço interestelar, só se revelaram para nós quando aprendemos o que tínhamos a fazer em nosso próprio mundo.

21 O PROJETOR

Mil pensamentos se atropelavam nas cabeças de Pablo e de Sharon.

— Se tiverem alguma pergunta...

Perguntas não faltavam. Dígitos iluminaram o painel de Robug e o robô disparou três clics. Ia perguntar alguma coisa, mas Pablo se adiantou.

— Você adivinha o que a gente pensa?

Yurian sorriu.

— Não é adivinhação, Pablo. Nossa mente capta pensamentos como os seus ouvidos captam sons. Agora mesmo a Sharon quer me perguntar o que está acontecendo com o seu planeta, não é?

Sharon fez que sim.

— Bem... vocês viram o Sol?

— É mesmo! O que foi aquilo?

— Aquilo, Sharon, foi só o começo.

— Começo do quê?

— Este planeta está passando por grandes transformações. Depois do deslocamento abrupto do eixo da Terra, vários vulcões entraram em erupção, desencadeando terremotos e tsunamis em diferentes pontos do globo. O mar cobriu ilhas, invadiu continentes, enquanto nuvens escuras de poeira vulcânica se espalhavam sobre toda a terra. Sem a luz do Sol, os que ainda se encontram na superfície enfrentam temperaturas baixíssimas. A poeira e o ar rarefeito dificultam a respiração de todos. O mais incrível, porém, é uma estrela que agora divide com o Sol a soberania sobre os planetas deste sistema. Vocês têm dois sóis.

— Dois sóis? — Pablo arregalou os olhos. — Essa eu quero ver!

Robug aproveitou a surpresa provocada pela revelação de Yurian e fez sua pergunta:

— Como funciona esse sistema de projeção? Com exceção do telão, não se parece com nada do que temos, ou tínhamos, na Terra.

— É um projetor de imagens mentais. Embora funcione baseado em princípios bem simples, utiliza tecnologia altamente sofisticada. É um aparelho muito popular em Dafse, principal-

mente entre as crianças, que criam jogos e brincadeiras com esse equipamento. Querem experimentar?

Sharon foi a primeira. Yurian ajustou uma fita metálica na cabeça da garota.

— E agora, Yurian, o que eu faço?

— Deite-se no chão e relaxe. Feche os olhos. Enquanto você estiver ansiosa as imagens não aparecerão.

Sharon obedeceu. Pontos luminosos, uma mancha escura, mais pontos e riscos luminosos apareceram na tela. Todas as vezes que abria os olhos, as imagens sumiam. Resolveu ficar de olhos fechados e pensou:

"Eu queria ver a minha mãe, meu pai, meu irmão..."

— Pense neles, Sharon — disse Yurian. — Procure se lembrar de acontecimentos passados.

Foi o que ela fez. Buscou as lembranças mais queridas: a mãe sorrindo, Ananda bem pequeno (ele gostava tanto de brincar de esconder...), o ônibus da Cruz Vermelha, o pai, o pôr-do-sol...

"Será que isso tudo está aparecendo na tela? Não. Eu não vou abrir os olhos para conferir. Depois não consigo me concentrar e some tudo outra vez".

Em suas lembranças Sharon revia o Sol avermelhado e as ondulações suaves do cerrado. Aos poucos as imagens se tornavam mais nítidas: o pai, a mãe, ela e Ananda em um domingo triste para todos eles. Quase não tinham amigos brasileiros e Ananda parecia um bichinho assustado, se escondendo das investidas maldosas dos meninos do acampamento.

Quando cresceu o número de refugiados, vindos de toda parte do mundo, muitos brasileiros se sentiram prejudicados. Diziam não haver água e comida para tanta gente e passaram a perseguir estrangeiros. Mesmo os médicos da Cruz Vermelha eram tratados com reserva e desconfiança.

A família de Sharon era a única família estrangeira residente no acampamento. Naquele dia estavam todos se sentindo cansados e tristes. As doenças se multiplicavam e não havia comida ou remédios suficientes. Em meio ao desalento, um bando de aves passou voando baixo no céu incendiado pela luz do poente. A visão de pássaros tinha se tornado algo tão raro que consideraram aquela revoada como um presente, um presságio de esperança.

A voz de Yurian interrompeu suas lembranças:

— Sharon, veja. Fixei algumas imagens para você.

A menina abriu os olhos. Os pais e o irmão apareciam no telão, sorridentes, banhados pela luz suave e misteriosa do entardecer. Sharon contemplou com ternura as imagens que havia projetado mentalmente na tela. Tinham sido tão felizes juntos... — pensou — Tinham se amado tanto...

As lágrimas desciam dos olhos de Sharon e molhavam o seu rosto. Em silêncio, Pablo olhava a amiga, emocionado também, pensando que talvez não suportasse ver as imagens das próprias lembranças.

Quando o telão se apagou, Yurian tirou a fita metálica da cabeça de Sharon e foi a vez de Pablo experimentar o projetor.

Assim que surgiram os primeiros pensamentos, o garoto tratou de abrir bem os olhos. Queria manter lembranças e emoções sob controle.

"Não vou chorar como a Sharon".

De início as imagens desapareciam assim que ele abria os olhos, mas aos poucos conseguiu dominar sua atenção e acompanhar, de olhos abertos, tudo o que ia surgindo na tela. Primeiro apareceu a bolha, depois o Robug, a mãe, o pai jogando bola com os amigos, entrando no helicóptero, acenando para ele... O coração apertou no peito. Tentou pensar em outra coisa.

"Será que consigo criar imagens diferentes?"

Pensou em uma enorme nave de combate se aproximando de um planeta e uma frota de naves pequenas e rápidas, indo de encontro aos invasores. Imaginou tiros certeiros de canhão *laser* atingindo a nave gigante. Era como jogar *videogame* sem console.

Sharon continuava triste, distante dali. Pensava no irmão. Yurian se aproximou:

— Você vai encontrar Ananda.

Os olhos claros da garota se ergueram e o que Yurian disse em seguida deixou um brilho de esperança em seu rosto.

— Sei de um lugar onde o seu irmão pode estar.

Apesar dos pedidos de Sharon, Yurian não disse mais nada sobre Ananda. Recomendou que tivessem paciência e esperassem um pouco mais, até que tudo se acalmasse na

superfície. Depois, levou os dois de volta à caverna, onde quase todos dormiam. Haviam distribuído colchões para as crianças menores e para os que estavam doentes.

— Não há colchões para todos. Vocês terão que se acomodar no chão — disse Yurian.

Pablo se lembrou do saco de dormir, guardado no lagartão. Depois pensou na Sharon, naquele povo todo deitado no chão e resolveu que ia dormir como todo mundo.

"O importante" — pensou — "é ficar perto da Sharon..."

22 SEM A LUZ DO SOL

Enquanto esperavam o momento de deixar a base, Sharon, Pablo e Robug colaboravam com as equipes de trabalho, que se formavam conforme as necessidades dos refugiados. De todas as tarefas, a que Sharon fazia com maior prazer era a de ajudar no cultivo de cogumelos comestíveis em uma espécie de horta subterrânea. Cogumelos, fungos e leveduras eram parte da matéria-prima utilizada pelos extraterrestres para preparar os "biscoitinhos" com que alimentavam os refugiados.

Os canteiros subterrâneos eram adubados com o fertilizante obtido nos biodigestores, uns recipientes cilíndricos divididos em dois compartimentos. Um deles recebia fezes,

urina e outros detritos, que passavam por um processo de fermentação; o outro era onde se depositava a biomassa formada no primeiro compartimento, uma substância escura, sem cheiro e de incrível poder fertilizante.

Os biodigestores da base eram alimentados com os resíduos produzidos pela pequena multidão que ali se abrigava. Às vezes Pablo acompanhava Sharon no trabalho de selecionar, plantar e colher cogumelos, mas não escondia o nojo que sentia do contato com aquela terra. Sharon ria, divertida:

— Deixa de ser bobo. Está tudo fermentado. Não tem nem cheiro...

Quando não estavam trabalhando, Sharon e Pablo conversavam com Yurian ou exploravam os salões mais profundos da gruta. Em um desses salões havia um grande lago de água potável, usada para o consumo dos que viviam na base e para irrigar os canteiros da horta subterrânea.

Sem a luz do Sol como referência, definindo a duração dos dias e das noites, o tempo dentro da caverna parecia passar de forma incomum. Muitas pessoas ficavam acordadas por mais de trinta horas seguidas e dormiam por vinte horas, ou mais. Contudo, os estranhos efeitos de viver sem a luz do Sol não afetavam somente os refugiados em cavernas e abrigos subterrâneos.

Na superfície, as nuvens escuras que haviam baixado sobre o mundo espalharam um silêncio de morte. As formas

de vida remanescentes enfrentavam o que parecia ser a pior de todas as provações: a persistente escuridão.

No final do segundo mês vivendo na base, tamanha era a impaciência de Sharon e Pablo que já não ouviam com o mesmo interesse as histórias contadas por Yurian sobre a vida em outros planetas. Finalmente, alertados sobre as dificuldades que encontrariam ao reiniciar sua jornada, receberam autorização para a viagem.

Yurian e Sharon conversaram um bom tempo sobre Ananda. Depois, o dafsiano cuidou pessoalmente de uma programação especial para o Robug, pois tudo o que poderia ser usado como orientação na superfície da Terra, estrelas, polos magnéticos e pontos cardeais, havia mudado de lugar. Combinaram que uma nave os levaria até a Chapada dos Veadeiros. Desceriam em um campo de pouso no Morro da Baleia e dali seguiriam sozinhos.

O lagartão foi abastecido com galões de água, alguns pacotes de alimentos concentrados e, em seguida, transportado para o interior de uma nave menor do que aquela que os havia resgatado. As crianças, chorosas, se despediram do Robug. Ao dar o seu adeus a Pablo e Sharon, Yurin deixou um convite:

— Se qualquer coisa não der certo e vocês precisarem voltar, nós ficaremos felizes em revê-los.

PARTE TRÊS

ANO I

23 O CANTO DOS GALOS

Um galo cantou para os lados do Santuário e o guarda que vigiava a área de acesso leste, surpreso, chamou o companheiro:

— Ei, você ouviu? Um galo! Um galo cantou!

O outro, que dormia em uma rede, resmungou sonolento:

— Humm?!

— Um galo cantou e... ó, tá ouvindo?... Cantou de novo.

Dois galos cantavam em dueto. O guarda que dormia na rede, ainda sonolento, pegou o binóculo e estendeu ao companheiro, que vasculhou o espaço cinzento, vasto e silencioso, em que o mundo havia se transformado.

— Só pode ser novidade! Coisa boa que vem vindo por aí... Olha! Tem gente acendendo uma fogueira lá embaixo, perto do rio.

Os galos voltaram a cantar.

— Outro dia o Adriano disse que logo começaria a clarear... Tem novidade no ar. Você não está sentindo?

O outro sentou-se na rede, resmungou qualquer coisa e apontou um vulto branco saindo da escuridão. Um garoto miúdo, de passos leves, se aproximou pelo caminho que levava ao Santuário.

— Ei, Ananda! Parece gato, menino! Não ouvi você chegando.

O garoto sorriu e se aproximou dos guardas.

— Vocês ouviram os galos?

— Ouvimos. Tem novidade chegando, não é?

— Parece que sim. Os animais estão mais ativos, mais alegres... Hoje passaram o dia numa agitação que só vendo.

O guarda do binóculo avisou:

— Tem gente acampada aí embaixo.

— Eu sei. Minha irmã está chegando com um amigo. Vou me encontrar com eles.

Ananda saiu do círculo de luz projetado pelo lampião e sumiu entre as sombras. Alguns passos adiante, ouviu alguém chamando:

"Ananda! Espera! Eu vou com você!"

Era Adriano. Enquanto esperava o amigo, Ananda encostou-se no paredão de pedra e ficou olhando a escuridão que se estendia diante dele. Antes de escurecer, a vista dali era tão bonita... Agora, tudo havia desaparecido nas sombras de

uma noite que demorava para acabar. Lá embaixo, na direção do vale do Rio Preto, mal dava para se perceber a luz tremidinha de uma fogueira.

24 ANANDA

Saudade, expectativa e uma pontinha de medo. Era o que Ananda sentia ao pensar na proximidade da irmã. O medo era pela bronca que, com toda certeza, levaria.

"Ela já deve ter um sermão prontinho..."

Lembrou-se do primeiro contato mental com a comunidade de Pouso Alto. No início tinha sido um tanto assustador, mas aos poucos as conversas telepáticas foram se tornaram mais frequentes e a sensação que deixavam era tão agradável que passou a esperá-las com ansiedade. Foi quando soube da existência dos grupos que contatavam e abrigavam crianças mutantes. Crianças como ele, que durante muito tempo haviam sido olhadas com desconfiança, perseguidas

e, às vezes, abandonadas pela própria família, pois muitos acreditavam que eram focos de contaminação.

Para Ananda a vida não havia sido tão difícil. Os pais e a irmã o adoravam. Sharon chegava a ser um tanto sufocante com seu carinho excessivo e superproteção. No entanto, era difícil conviver com aquela sensação de ser diferente e estar só em um mundo que não era o seu.

Desde bem pequeno costumava ver e ouvir coisas que pareciam ser invisíveis e inaudíveis para os demais. A certeza de ser diferente, porém, aconteceu por acaso, quando um garoto fortão, com mania de brigar e de mandar em todos os outros meninos do acampamento, quebrou, por pura maldade, uma pipa verde, de rabiola branca, a mais bonita de todas as que havia feito até então.

Depois de destruir a pipa, o garoto se afastou devagar, mas a cada passo se voltava para trás, com gestos de provocação e ameaça. Lágrimas correram pelo rosto de Ananda. Ressentia-se pela sensação de impotência diante do riso do agressor ao chutar os restos da pipa. Foi aquele jeito de rir, de pura maldade, que fez aparecer a vontade de pegar uma pedra e atirar bem no meio da testa do garoto brigão. A raiva cobriu os olhos de Ananda como uma sombra maligna e, de repente, o garoto que o havia agredido deu um pulo para trás, com a mão apertando a testa.

— Quem foi o cretino que atirou essa pedra?!

Não havia ninguém ali além de Ananda, que continuava no mesmo lugar, segurando os restos da pipa, os olhos

assustados diante do sangue que começava a escorrer da ferida na testa do valentão.

— É bom ir ao ambulatório. O meu pai faz um curativo na sua testa.

O rosto do garoto, tinto de sangue, parecia ainda mais assustador.

— Quem atirou essa pedra, barata descascada?

Ananda não gostava daquele apelido. Em geral não respondia quando era chamado assim, mas dessa vez respondeu:

— Não sei... Eu não vi ninguém.

Não tinha visto ninguém mesmo, a não ser aquela vontade, grande, enorme, imensa. Só se ela, a vontade, tivesse jogado a pedra... Era o que Ananda pensava quando o garoto avançou, ameaçador:

— Você viu quem foi, sua coisa nojenta! Viu e não quer me contar!

Ananda recuou assustado, desejando intensamente que o outro se afastasse dele. Foi quando algo invisível empurrou o grandão para trás. Confuso, cego de raiva, ele ainda tentou se jogar sobre Ananda, mas foi atirado ao chão, onde ficou, imobilizado.

Os olhos de Ananda brilhavam. Será que aquela vontade que havia crescido dentro dele havia ficado tão forte ao ponto de dar a pedrada, o empurrão e prender o destruidor de sua pipa no chão? Esperneando, grunhindo como um porco, o garoto continuava grudado na terra poeirenta. Bem devagar,

bem baixinho, querendo experimentar até onde ia o poder de sua vontade, Ananda falou:

— Agora você pode ir embora. E não me enche mais, tá?

O garoto se levantou de um salto. Olhou Ananda, aterrorizado, e disparou a correr feito um doido. Uma voz delicada, miúda como o dono, trouxe Ananda de suas lembranças.

— Vamos?

Sentiu no escuro a mão de Adriano tocar seu braço. O vento trouxe um cheiro de húmus. O cheiro da mata do Santuário. Reiniciaram juntos a descida.

25 O REENCONTRO

Nas conversas com Yurian, Pablo e Sharon ficaram sabendo que os discos voadores, quando voavam na atmosfera terrestre, tinham mobilidade limitada, menor que a dos helicópteros ou dos aviões. O deslocamento dessas naves só era possível dentro do campo magnético formado por linhas invisíveis, que cruzavam o planeta em milhares de direções. Essas linhas, negadas pela ciência oficial do ocidente, eram conhecidas pela ciência milenar dos povos orientais, que as chamavam de "caminhos do dragão".

Como o seu destino estava fora da rota dos discos, ficaram no ponto de pouso mais próximo, no Morro da Baleia, em Alto Paraíso, de onde seguiram viagem pelo vale do Rio Preto. Uma jornada difícil e cansativa.

Seguindo as orientações de Yurian, chegaram a uma formação de pedras escarpadas, onde resolveram descansar. Robug acendeu uma fogueira, enquanto Pablo e Sharon preparavam o carro para que pudessem dormir com um pouco de conforto. O banco traseiro do lagartão foi aberto e virou uma cama confortável.

Depois de se alimentarem, sentados em torno da fogueira, voltaram ao lagartão. Sharon se acomodou no canto, sem perceber o embaraço do amigo. Sentado no banco da frente, tocando ao acaso alguns botões do painel do carro, Pablo não conseguia decidir se devia ou não se deitar tão perto dela. No escuro, mal dava para ver a garota, mas ouvia a sua respiração e sentia o cheiro do seu corpo.

Sharon entrara em sua vida de um jeito tão inesperado... Depois, o convívio diário na base havia aproximado os dois ainda mais. Em seus momentos de devaneio, ele se imaginava adulto, um homem forte, corajoso e seguro de si. Ao seu lado, participando de sua vida, estava Sharon. A voz da menina interrompeu os seus pensamentos.

— Pablo, você não vai se deitar?

— Vou... Daqui a pouco.

A voz de Sharon, às vezes, era tão macia, tão cheia de meiguice, que Pablo ficava pensando se... Quem sabe?... Se ela podia gostar dele também.

Pablo se deitou com cuidado. Sharon parecia dormir. Teve medo de se encostar naquele corpo quente e macio. Na

caverna da base eles dormiam juntos, lado a lado, mas sempre havia muita gente por perto e espaço suficiente para que não se tocassem.

Agora estavam sozinhos em uma cama estreita que mal dava para uma pessoa dormir com conforto. As sensações que experimentava ao fantasiar seu namoro com Sharon eram tão intensas, como o fluxo das águas de um rio na cheia.

Robug, que estava muito quieto, voltou a dar sinal de vida. Os dígitos e os ícones luminosos do painel do robô juntaram-se à luz fraquinha das chamas da fogueira para clarear um pouco mais o interior do lagartão. Pablo percorreu com os olhos o rosto bonito e os cabelos claros de Sharon. Avançou a mão devagar, na intenção de um afago. O alerta do robô interrompeu o gesto de carinho.

— Atenção! Estranhos se aproximando!

Robug disparou alguns clics e sinais luminosos de alerta. Pablo se ergueu e passou para o banco da frente:

— O que foi?

— Estranhos! Estão a menos de cinquenta metros. Só agora os percebi. Meus sensores devem estar com defeito.

— As portas estão bem fechadas?

— Sim.

— Acende os faróis, Robug!

Um feixe largo de luz se estendeu à frente do lagartão.

— Ananda!

O grito de Sharon foi tão inesperado que Robug disparou vários clics. Em seguida, ela passou por cima de Pablo pulou para o banco da frente e tentou abrir a porta do lagartão.

— Abre essa porta, Robug! É Ananda!

O robô ainda demorou alguns segundos sondando os arredores antes de liberar as portas.

Mal se viu fora do carro, Sharon correu para o irmão e o abraçou. De longe, acompanhando a cena do reencontro dos dois, Pablo sentiu o peito apertado. Quanto tempo ainda teria que esperar para poder abraçar assim, do mesmo jeito, a sua mãe?

Uma hora depois, sentados em volta da pequena fogueira, resolveram que o melhor seria Pablo e Sharon descansarem um pouco, antes de começarem a escalada. O caminho para o Santuário era difícil e perigoso. Além de fôlego, exigia, a mais completa atenção.

26 UM FURACÃO

O vento começou um pouco antes de se lançarem à subida. Adriano ia à frente guiando o grupo. Robug seguia logo atrás, iluminando o caminho com um farolete acoplado a um dos braços. Contornaram o paredão e começarem a subir por uma trilha estreita, entre as pedras da encosta. Por fim alcançaram uma grande laje de pedra que se inclinava sobre o solo, formando uma espécie de abrigo, o posto de observação do Santuário.

Além do vento e do frio, que haviam aumentado ainda mais durante a subida, começava a cair uma chuvinha gelada. Um dos guardas dormia em uma rede armada no fundo do abrigo. Ananda foi até ele e tocou seu ombro, sacudindo-o levemente.

— Ei, acorda! Vamos embora daqui.

O rapaz, sonolento, se sentou na rede.

— O que foi? Acabei de me deitar...

Ananda explicou:

— A gente tem que chegar logo ao Santuário. O vento vai piorar, vai ficar perigoso.

O guarda se levantou, juntou tudo dentro da rede, fez uma trouxa e escondeu no fundo do abrigo, entre algumas pedras. Há muito se acostumara a atender sem discussão as palavras dos garotos albinos, especialmente quando alertavam para algo que poderia acontecer.

Recomeçaram a subida. Poucos minutos depois chegaram a um terreno plano, coberto de pedrinhas soltas. O vento estava cada vez mais forte. Caminharam até alcançar a borda de um desfiladeiro e começaram a descer por uma escada entalhada nas rochas. Ananda gritou:

— Estamos chegando, Sharon!

Sharon não respondeu. Quase não haviam conversado durante a subida, já que as dificuldades do percurso exigiam que prestassem atenção a cada passo. De repente, três bolhas enormes apareceram diante deles, completamente iluminadas. Depois, mais cinco bolhas, um pouco menores, acenderam e começaram a brilhar no fundo do desfiladeiro, como imensos cogumelos. Dentro delas, em vez de prédios de vidro e concreto, uma selva exuberante vicejava sob a luz de pequenos sóis artificiais.

— Olha, Sharon, o Santuário! — disse Ananda, apontando o conjunto de bolhas. — Lá dentro acabou de amanhecer.

Atravessaram um bosque de árvores altas, completamente desfolhadas. O chão, forrado por um tapete grosso de folhas, era gostoso de pisar. Em seguida, contornaram as muralhas que sustentavam as cúpulas de vidro e chegaram a um povoado de casas rústicas.

Encontraram ruas desertas, portas e janelas fechadas. O vento, que parecia ter diminuído durante a descida para o vale, voltou a soprar com intensidade ainda maior.

Ananda empurrou a porta de uma das casas e entraram em uma pequena sala. Lá fora o vento passava uivando entre os galhos do bosque desfolhado. Adriano atravessou a sala e levantou um alçapão recortado no assoalho:

— Vamos, depressa! Todos já desceram para os abrigos.

De longe vinha um ronco crescente e contínuo. O grupo mal havia começado a descer os degraus da escada estreita, que sumia na escuridão do subsolo, quando um estrondo violentíssimo sacudiu a casa. As paredes e o telhado receberam um verdadeiro bombardeio de pedaços de madeira e pedras. Ananda gritou:

— Entrem logo, depressa! E fechem o alçapão!

A escada dava passagem para um corredor. Lá fora, os ruídos provocados pelo furacão continuavam aterradores. Depois de alguns metros, chegaram a uma sala ampla, de paredes cobertas por estantes cheias de livros. Pelas mesas

compridas se espalhavam crianças de todas as idades e a grande maioria delas era albina.

Atravessaram a biblioteca em silêncio, procurando não chamar muita atenção, e conseguiram sair antes que os meninos rodeassem Robug. Um dos guardas ficou para trás, respondendo às perguntas dos garotos e garantindo que todos teriam oportunidade de conversar com o robô.

Os recém-chegados seguiram Ananda até uma porta alta e larga, onde o menino digitou uma senha. Quando a porta se abriu, foram envolvidos em uma lufada de ar morno e ofuscados por um jorro de luz.

A visão de tantas árvores, arbustos, cipós, orquídeas e musgos era arrebatadora. Pablo não esperava poder, um dia, ver uma cena como aquela, nem sentir o cheiro agradável de húmus, misturado ao perfume de flores e frutos. Sharon se aproximou de uma acácia carregada de cachos amarelos.

Aquela árvore, com suas flores delicadas, era um símbolo de esperança, uma promessa de vida. Passou devagar a mão nas flores, nas folhas, no tronco e se abraçou à árvore. Sorria e chorava baixinho. O coração doía de felicidade.

Fora do Santuário, o furacão chegava ao seu ponto máximo de força e destruição, mas a estrutura das bolhas resistia firmemente aos ventos e ao impacto dos destroços que bombardeavam as cúpulas com violência.

O grupo caminhava entre canteiros e a cada momento o lugar revelava novas surpresas: insetos, pássaros, plantas

exóticas, cogumelos, árvores de raízes aéreas... Por fim, chegaram a uma casa pequena e acolhedora. Alguém chamou:

— Ei! Ananda! Adriano!

A voz vinha do alto de uma árvore, alguns metros à frente.

— Íria! — gritou Ananda, acenando para uma moça escondida pelos galhos altos da árvore. — A minha irmã chegou!

Sentada em um galho, Íria colhia frutos e os colocava em um cesto. Ananda fez as apresentações:

— Esta é a minha irmã, a Sharon; Pablo é um amigo que veio com ela, e... Robug!

Depois de dois clics, o robô piscou alguns ícones luminosos no painel e cumprimentou:

— Muito prazer, Íria.

A moça, curiosa, desceu da árvore por uma escada metálica, deu boas-vindas aos recém-chegados e dirigiu-se ao robô:

— Muito prazer, Robug! Gostei do seu nome.

O robô disparou três clics bem simpáticos, exibiu um *emoji* risonho e mudou a cor dos ícones luminosos de sua tela para tons de verde. Íria sorriu, divertida com a reação do robô, e perguntou a Ananda:

— Vocês estão procurando o meu irmão?

Ananda confirmou com um movimento de cabeça:

— Ele foi verificar como as bolhas menores estão reagindo aos ventos. A estrutura delas é mais frágil. Vocês

chegaram agora, não é? Querem descansar? Tem umas redes armadas lá atrás, nos cajueiros. Adriano, você leva esses sapotis para a cozinha?

Olhando o cesto cheio de umas frutas pequenas e marrons, Pablo perguntou:

— Isso se come?

— É sapoti. Uma delícia! Mas ainda não estão maduros. Daqui a uns dias ficam no ponto.

Adriano pegou a cesta e perguntou:

— Você viu os ninhos, Íria?

Íria e seu irmão, André, estudavam os pássaros que viviam dentro da bolha. Muitas espécies teriam desaparecido se não fosse a atenção dos dois irmãos.

— Nasceram novos filhotes de rolinha.

— Oi, André! — Ananda gritou.

A atenção de todos se voltou para um homem moreno, estatura mediana, aparentando uns trinta anos. Usava macacão desbotado e alpargatas de fibra.

— Oi, pessoal! Bem-vindos ao Santuário!

27 AS CÚPULAS DO SANTUÁRIO

O Santuário era uma reserva ambiental, preservada quase por milagre em um vale cercado por grandes paredões rochosos, próximo à Chapada dos Veadeiros.

Em meados do século XXI, vários grupos começaram a comprar pequenas áreas próximas a grandes reservas. Com a utilização de técnicas agroflorestais, buscavam alcançar autossuficiência na produção de alimentos e de energia. Mas um fato novo veio ameaçar a sobrevivência dessas comunidades: as invasões. Quando um bando de gente faminta invadia e saqueava áreas de produção rural, dificilmente ficava para trás qualquer coisa que cheirasse a comida.

Sob esse aspecto a reserva do Santuário estava em situação privilegiada. Cientistas de várias nacionalidades

haviam projetado um conjunto de bolhas providas de poços artesianos e geradores elétricos movidos a energia renovável.

As bolhas, equipadas com sistemas aéreos de irrigação, haviam sido construídas com o objetivo de recriar as condições climáticas de alguns biomas brasileiros. Funcionavam como gigantescas estufas e reuniam exemplares da flora e da fauna nativas do país.

No subsolo funcionavam os laboratórios de pesquisa e o banco de sementes, esporos, insetos úteis e larvas de espécies aquáticas. Ficavam também sob a terra os abrigos coletivos, as salas de leitura, música, além dos depósitos de ferramentas, alimentos e medicamentos.

Em volta das bolhas se espalhavam as casas rústicas da aldeia e muitas delas davam acesso a uma rede de túneis que ligava o interior das bolhas aos abrigos coletivos. Sharon e Pablo, que haviam descido aos abrigos por uma dessas casas, caminhavam, fascinados, entre as árvores do Santuário. Iam guiados por André, um dos biólogos dedicados ao projeto.

André gostava de conversar e os recém-chegados ouviram com curiosidade a história daquele lugar tão inesperado. Entre outras coisas, ficaram sabendo que a segurança era garantida pela presença das crianças albinas que, aos poucos, foram se reunindo ali.

Quase todas essas crianças tinham poderes paranormais. Umas eram telepatas, outras conseguiam mover objetos a distância ou intuíam o que estava para acontecer. Também havia as que encontravam objetos perdidos, atraíam pássaros,

se comunicavam com bandos de insetos, faziam germinar sementes em poucos minutos e outras habilidades que, no início, deixavam assombrados os que trabalhavam na reserva.

Com seus poderes, as crianças identificavam facilmente as intenções dos grupos que se aproximavam do Santuário. Se fosse gente do mal, a ação de objetos flutuantes e bolas de fogo acabava por assustar e afastar os invasores. Graças aos poderes dessas crianças, o lugar ganhou fama de mal-assombrado e passou a ser evitado.

No Santuário, as crianças albinas, consideradas aberrações fora da reserva, eram respeitadas e admiradas. Os que conviviam com elas reconheciam estar diante de seres mutantes, precursores de uma nova raça.

Atraídos pelos chamados mentais de seus semelhantes, muitos albinos partiram para a Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Nessa viagem, muito longa para alguns deles, eram orientados telepaticamente e auxiliados por um grupo que se dedicava, quase exclusivamente, a essa tarefa.

Depois de ouvir a explicação sobre os albinos, Sharon, que não havia falado quase nada até então, se fechou ainda mais. André acariciou a cabeça de um miquinho, que acabara de pular em seu braço, e disse, mudando de assunto:

— Os animais são seres muito sensíveis. Depois que tudo escureceu, eles simplesmente silenciaram. Não se deixaram iludir pela luz de nossas lâmpadas.

— Mas os galos voltaram a cantar — disse Adriano sorrindo.

— Talvez estivessem prevendo o furacão — ponderou André.

— É o Sol, André. O Sol vai voltar! — afirmou Adriano, com convicção.

— Você quer dizer os sóis, não é? — corrigiu Pablo. — Agora são dois os sóis do nosso sistema.

André arregalou os olhos, assombrado.

— De onde você tirou essa ideia?

— Um extraterrestre me contou — disse Pablo, com um sorriso moleque.

André franziu a testa numa interrogação.

— Dois sóis? Não. Isso é impossível.

Em tom de brincadeira, Pablo perguntou:

— O que é impossível? O extraterrestre ou os dois sóis?

Robug, que até então pouco se manifestara, explicou:

— Um corpo celeste de grandes proporções foi detectado há alguns anos, se aproximando do nosso sistema solar. Tudo fazia crer que passaria por nós sem causar danos, mas aproximou-se demais e, agora, vivemos em um sistema de estrelas duplas. Um sistema binário, como Sírius e Antares.

Um sulco profundo surgiu entre as sobrancelhas de André e Robug continuou:

— Atualmente a Terra vive uma nova idade do gelo. Apenas uma estreita faixa sobre a linha do Equador tem condições de ser habitada.

— Nesse caso já devíamos estar congelados — contestou André.

— Incorreto. Com a mudança do eixo terrestre, a linha do Equador deslocou-se para o sul. Estamos dentro da faixa de sobrevivência.

Enquanto o robô respondia às perguntas de André, Pablo chamou Adriano num canto mais afastado:

— Eu queria te pedir uma coisa...

Adriano era um garoto miudinho. Aparentava uns sete anos, mas agia como se tivesse mais idade. Antes que Pablo completasse a frase, perguntou:

— Você tem uma foto dela, não é?

A primeira reação de Pablo foi de surpresa, mas se refez depressa:

— É, eu já devia ter me acostumado...

Pablo procurou a foto da mãe, que levava em uma velha carteira no bolso da jaqueta. Adriano pegou a fotografia de Mariana e examinou bem devagar:

— Posso ficar com ela, Pablo? Depois eu devolvo.

— Pode. Mas, não perde não, tá? É a única foto que eu tenho da minha mãe.

— Pode deixar. Eu não vou perder.

Quando Adriano se afastou, Pablo sentiu um vazio e uma pontada forte no estômago. Conhecia aquela dor. Era medo. Queria notícias de sua mãe e talvez os poderes extraordinários de Adriano pudessem ajudar, mas... e se ele descobrisse que ela...

Precisou se conter para não correr atrás do garoto, tomar de volta a fotografia, e dizer que não queria saber de mais nada. Fechou os olhos e pediu:

"Deus, não deixa a minha mãe morrer!"

O grupo seguiu para outra cúpula, onde a comunidade produzia alimentos. A horta era enorme. Grupos de crianças e adolescentes trabalhavam na limpeza dos canteiros e no transplante de mudas. André ia apresentando o lugar:

— Vejam! Neste setor, além da horta, temos a maior parte das árvores frutíferas e o apiário. Nas outras bolhas há tanques com peixes, criação de aves e pequenos animais. Vivemos em uma versão moderna da Arca de Noé.

Naquele momento, um grupo chegou fazendo enorme algazarra. Aos gritos, chamavam a todos para que fossem ver o que acontecia fora da bolha:

— André! Pessoal! Venham ver o céu! Ele está lindo! Cheio de estrelas!

Enquanto os outros corriam para fora da bolha, André foi à estação de pesquisas para desligar as lâmpadas que simulavam a luz do dia. Só depois disso correu para se juntar aos demais.

A Lua era pouco mais que um risco fino no céu carregado de estrelas. No entanto, a noite estava clara. A paisagem parecia banhada por uma luz difusa, como a do luar em noite de lua cheia.

Todos estavam fora dos abrigos quando, de repente, alguém percebeu que um dos lados do céu parecia mais claro. As estrelas menores começaram a desaparecer, veladas pela luz que a cada momento aumentava a intensidade. Ninguém mais

tinha dúvida. Estava amanhecendo. As crianças se lançaram às escadas entalhadas nas rochas, que levavam à parte mais alta do desfiladeiro.

O que viram, do alto das escarpas, foi o triste cenário de devastação que o furacão havia deixado para trás. Longe, na imensidão deserta do planalto, um gigantesco manto negro de nuvens e poeira se afastava com rapidez, empurrado pela violência dos ventos. Enquanto isso, crescia um halo de luz lilás, suave e brilhante, para os lados de Alto Paraíso.

Com a respiração contida, todos esperavam, imóveis. Afinal, surgiu um ponto brilhante. O pequeno sol que se ergueu tinha uma luz diferente, que fluía como se filtrada por finas lâminas de ametista. Tons brilhantes de violeta e lilás tingiram o céu. Sob aquela luz estranha a Terra ganhava um aspecto novo e irreal.

A expectativa alegre havia se transformado em surpresa. Muitos rostos, especialmente os das pessoas mais velhas, aparentavam perplexidade e temor. Não era aquele o sol que esperavam ver nascer depois de tanto tempo. Indiferente às emoções dos que o observavam pela primeira vez, o novo sol foi se erguendo no céu.

Em alguns lugares uma névoa esbranquiçada se desprendia da terra úmida. Sob a luz do novo sol, as rochas, as águas do rio e as colinas distantes ganhavam tonalidades inéditas e uma quase imperceptível cintilação.

A certa altura, a aura luminosa daquele pequeno sol pareceu encolher. A resposta para o fenômeno chegou alguns minutos depois, quando o brilho quente do velho sol amarelo veio se juntar à luz do novo astro.

28 ANO I

O céu havia mudado e a Terra já não era mais a mesma. As pessoas que começavam a descer as escadarias, de volta para o Santuário, sentiam-se também estranhamente diferentes. Adriano se aproximou de Pablo e devolveu a foto.

— Toma. Não preciso mais.

Pablo pegou a fotografia e ficou um tempo imóvel, em angustiado silêncio. Afinal, tomou coragem e perguntou:

— Então?

O rosto de Adriano se abriu num sorriso.

— Ela está viva, Pablo!

Toda a tensão no rosto do rapaz desapareceu. Seus olhos brilharam quando murmurou baixinho:

— Obrigado, meu Deus.

Adriano contou que Mariana havia encontrado o irmão. Uma doença, porém, a deixara enfraquecida. Ela estava entre pessoas amigas, sendo bem cuidada, mas sofria muito por não ter notícias do filho.

— E o que mais, Adriano? Por que minha mãe sumiu e não deu mais notícias?

— Eu já disse. Ela ficou doente e ainda está muito fraca. Acho que foi por isso que não voltou para casa.

— Onde ela está?

— Eu não consigo ver o lugar, Pablo. Mas sei que é nessa direção.

Adriano apontou para os lados do Morro da Baleia.

— E ela não está muito longe.

Pablo perguntou a si mesmo se a mãe e o tio não estariam com outros refugiados resgatados pelos extraterrestres. Adriano se afastava, acompanhando um grupo de meninos albinos, quando Pablo o chamou. O garoto se virou devagar.

Nesse momento Pablo percebeu, nos olhos do amigo, o mesmo brilho levemente fosforescente que parecia impregnar o que estivesse sob a luz daquele novo sol. Fascinado, contemplou por alguns segundos o rosto pálido do menino albino. Adriano sorriu e Pablo retribuiu o sorriso, agradecido.

Quando os dois sóis se esconderam atrás da serra e a noite desceu sobre as cúpulas do Santuário, Pablo já havia decidido voltar para a base. Pensou mais uma vez em Sharon. Desde o encontro com Ananda ela andava calada e distante.

Enquanto procurava o Robug para conversarem sobre a viagem, Pablo perguntava a si mesmo se Sharon sentiria sua falta. Encontrou o robô cercado de crianças. Assim que conseguiu levá-lo a um lugar mais tranquilo, perguntou se poderiam refazer o caminho de volta para a base. O robô acendeu alguns dígitos luminosos no painel:

— Sim. Yurian acrescentou mapas e novas coordenadas à minha memória.

Pablo contou o que havia conversado com Adriano.

— Se ele estiver certo, Robug, dona Mariana esteve todo esse tempo bem perto de nós. Estou pensando em sair de madrugada. Tudo bem?

A tela do painel de Robug voltou a se cobrir de dígitos luminosos. O robô parecia avaliar prós e contras da decisão de Pablo. Afinal se pronunciou:

— Não. Não está tudo bem. Temos um problema. Choveu muito e os rios estão cheios. O lagartão não é um carro anfíbio e dificilmente encontraremos pontes que ainda estejam de pé.

— Robug, a gente vai de carro até onde der. Depois, quando não der mais, continuamos a pé.

Pablo saiu para procurar Sharon. Fora das bolhas caía uma chuvinha fina e gelada. Passou por um grupo que conversava animadamente. André expunha seus planos, cheio de entusiasmo:

— Temos que aproveitar essas chuvas e plantar tudo o que for possível na área em torno do santuário. Principalmente árvores! Vamos começar a reflorestar esta região.

Pablo aproveitou para se despedir das pessoas que havia conhecido ali. Na biblioteca, Adriano e Ananda conversavam com outros garotos albinos. Discutiam sobre o futuro do planeta, com dois sóis no céu. Qual seria a duração do ano? Como se sucederiam as estações?

— Estamos começando uma era nova! Este é o primeiro dia do Ano I.

Pablo interrompeu a conversa e perguntou a Ananda onde poderia encontrar Sharon. O garoto não sabia.

— Queria me despedir dela, Ananda. Estou voltando para a base.

— Vai procurar a sua mãe?

Pablo confirmou. Quando Ananda falava, costumava olhar nos olhos de seu interlocutor. Havia uma mistura de infância e velhice no olhar intenso das crianças mutantes e isso sempre o inquietava.

Resolveu continuar procurando por Sharon. Na saída da biblioteca, encontrou-a sentada no chão do corredor, junto à porta, e sentou-se ao seu lado.

— Oi.

— Oi.

— Estou indo embora.

— Já?

— É. Pedi para o Adriano me ajudar a descobrir onde a minha mãe está.

— Hum... E então?

— Adriano disse que devo seguir em direção à base.

— Sua mãe está na base?

— Não sei. Um pouco antes, um pouco depois... Adriano garantiu a direção, mas não sabe precisar a distância. Talvez a minha mãe estivesse lá, bem perto de nós.

Os dois se calaram. Pablo fixou o olhar em uma pequena mancha na parede do corredor. Sharon fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Pensava em Ananda. Haviam se separado por tão pouco tempo... Como podia um garoto mudar tanto, e tão depressa? Os pensamentos chegavam, trazendo uma leve sensação de angústia.

"Eu sempre imaginei Ananda frágil, dependente... E ele enfrentou, sozinho, uma caminhada de Barra do Garças a Alto Paraíso."

Pablo, olhando fixamente a mancha da parede, tinha outras preocupações:

"Será que eu vou acabar indo embora sem falar nada com a Sharon?... E se eu disser que gosto dela? Será que ela vai rir de mim? "

Sharon continuava pensando no irmão.

"Todo mundo dizia que os albinos eram retardados mentais. Ananda parecia ter tanta dificuldade para aprender algumas coisas... Mudou tudo. Quem está se sentindo meio retardada sou eu."

Pablo afastou os olhos da parede e olhou a menina, pensando como seria bom se pudessem continuar juntos.

"Vai ser difícil ficar longe de você, Sharon. Longe desse jeito que você tem de rir, de falar, de olhar... E de ficar assim, que nem agora, de olhos fechados, calada. Eu queria, Sharon, saber o que você está pensando. Saber se você gosta de mim."

Sharon abriu os olhos, entrelaçou os dedos das mãos e estendeu os braços para cima, se espreguiçando.

"Pablo disse que voltaria para a base. Se eu pudesse ir junto... Aqui no Santuário tem muita gente legal, tem Ananda, muita coisa para fazer, mas eu me sinto deslocada, fora de lugar."

Pablo desviou o olhar e voltou à mancha na parede.

"Poxa! Eu não vou falar nada? Isso não é timidez, é covardia. Estou com medo do quê? Dela rir de mim?"

A voz de Sharon rompeu o silêncio entre os dois, perguntando quando Pablo pretendia partir:

— Nós vamos esta madrugada.

— Assim tão cedo?

— É.

Pablo completou aquele "é" com: "Sharon, eu queria ficar perto de você. Vem comigo". Falou com os olhos, falou por dentro, mas continuou calado e imóvel.

Sem erguer o rosto, Sharon sorriu e desejou uma boa viagem. Em seguida, se ergueu de um salto e pediu a Pablo para se despedir por ela do robô:

— Diz que eu mandei um beijo para ele.

29 A PARTIDA

Pablo se levantou devagar. Uma coisa doída apertava o peito, sufocava. Virou o rosto depressa para esconder as lágrimas. Atravessou a biblioteca e os túneis quase correndo, sem olhar para os lados, sem se virar para trás. Lá fora, o ar da noite fez com que se sentisse menos mal. O céu lindo, cheio de estrelas, lhe deu a certeza de que encontraria a mãe.

Foi então que se lembrou do estranho sonho com Androk, o homem-robô, que desejava criar uma raça cibernética, eterna, indestrutível, capaz de viver sem água e oxigênio. Androk... André... os nomes eram parecidos, mas os objetivos dos dois, completamente opostos. André era um semeador, um preservador de vida, o outro, um destruidor.

André, Íria, os meninos mutantes... todos eles empenhados no trabalho de reconstrução de um mundo novo. Em meio ao caos e à destruição, o Santuário era uma promessa de vida. Pensou que seria bom poder voltar àquele lugar com dona Mariana. Tinha certeza de que a mãe adoraria viver ali.

Os clics de Robug tiraram Pablo de seus pensamentos. O robô avisou que havia conseguido um lugar para o garoto dormir e perguntou a que horas ele queria acordar. Pablo não estava muito a fim de pensar:

— Sei lá. Você já tem ideia do tempo que a noite vai durar?

— Do momento em que o primeiro sol se ergueu até a hora em que o segundo sol se pôs, passaram-se mais de vinte horas. Se os dados dos computadores do Santuário estiverem corretos, o Sol voltará a nascer dentro de... — Robug piscou duas vezes os ícones da tela do painel — oito horas, quatro minutos e trinta e seis segundos.

— Então me acorda umas três horas antes de o primeiro sol nascer. Assim a gente chega ao lagartão quando começar a clarear.

Pablo acompanhou o robô até um dormitório, ao lado da sala de música. Sua cama era a de número cinco. Deitou-se sem tirar os tênis e a jaqueta. Estava exausto. Num cochicho baixo, para não acordar os outros, Robug lembrou:

— Pablo, tire a jaqueta e os tênis.

— Não enche, Robug...

Como o robô continuasse insistindo, o garoto se sentou na cama, mal-humorado:

— Chega! Já entendi!

Pablo tirou a jaqueta e começava a desamarrar os cadarços dos tênis, quando ouviu uma voz baixinha chamando o seu nome. Era Adriano, que ocupava a cama ao lado.

— Você vai sozinho?

— Vou com o Robug.

— E a Sharon?

— Vai ficar com Ananda.

Depois de alguns segundos em silêncio, Adriano perguntou:

— É chato ficar sozinho, não é?

— Sei lá... Acho que eu já me acostumei. E o Robug é um bom companheiro.

Os olhinhos de Adriano brilharam, cheios de vivacidade.

— Eu também sou.

— É o quê?

— Um bom companheiro. É o que todo mundo diz.

E completou, com a carinha muito séria:

— Você vai precisar de alguém como eu para encontrar a sua mãe.

Sem esperar resposta, Adriano mostrou uma bolsa de fibra, pendurada na cabeceira da cama.

— Olha aqui. Já arrumei as minhas coisas. Também já me despedi de todo mundo.

Pablo costumava ficar meio sem ação diante de situações inesperadas demais, e levar Adriano era uma coisa que não estava em seus planos.

— Adriano, eu acho que...

— Não, não precisa se preocupar nem achar nada. O pessoal daqui pode ficar sem mim por uns tempos.

— Mas... Adriano...

— Você me acorda, tá?

E, antes que Pablo respondesse, virou-se para o canto da parede e dormiu.

A ideia de levar o garoto deixava Pablo preocupado. Ele era tão pequeno... Mas também era verdade que os poderes mentais de Adriano poderiam ser úteis em certas situações. Enquanto se acomodava para dormir, pensou:

"Tudo bem. Se ele quer ir..."

Depois de responder ao infalível "boa-noite" de Robug, Pablo adormeceu quase imediatamente. De madrugada, a partir do horário que haviam combinado, a cada intervalo de meia hora o robô tentou acordar o rapaz. Por cinco vezes recebeu a mesma resposta, em palavras mastigadas, cheias de sono:

— Estou cansado, me chame daqui a pouco.

Ao chamar Pablo pela sexta vez, Robug acabou acordando também os outros garotos do dormitório. Por fim, quando deixaram as cúpulas do Santuário, o dia começava a clarear.

Enquanto subia os degraus de pedra, Pablo olhou várias vezes para baixo, procurando algum sinal de Sharon. Esperava ver a menina mais uma vez. Finalmente, quando alcançaram o alto do despenhadeiro, a aura suave do primeiro sol já despontava longe, na serra.

Os rios, depois de tanto tempo secos, voltavam a deslizar na chapada como cobras prateadas. Blocos enormes de pedra, amontoados uns sobre os outros, desordenadamente, davam ao lugar um aspecto árido e hostil. Pablo se lembrou do pessoal do Santuário e teve a certeza de que, em poucos anos, tudo aquilo estaria outra vez coberto de matas e repovoado por aves, insetos e outros animais. Ao se aproximarem do lagartão, ouviram um grito.

— Ei!

Era Sharon, sentada em uma pedra que parecia se equilibrar sobre outra menor. Acenou com os dois braços. O primeiro sol tinha acabado de nascer e distribuía uma fartura de tons lilases pela imensidão da terra e do céu. Pablo sorriu por dentro. O mundo em volta parecia brilhar de felicidade. Adriano perguntou:

— Oi, Sharon, o que você está fazendo aí em cima?

— Esperando vocês! — O rosto de Sharon, cheio de sorriso, brilhava também. — Tem lugar para mais um?

Pablo estava tão feliz que, se tentasse dizer qualquer coisa, sabia que não teria palavras, nem voz. Acenou de volta e retribuiu o sorriso da garota com outro ainda maior.

Com um salto, Sharon desceu da pedra, aproximou-se de Pablo e apontou a chapada:

— Olha só que lindo!

Em alguns lugares o chão parecia coberto por um tênue véu fosforescente. Robug examinou as nuanças luminosas com os seus sensores. O painel do robô cobriu-se de dígitos e *emojis* sorridentes, acompanhados de agudíssimos clics:

— São brotos! Milhares de sementes estão germinando sob a terra úmida!

O velho Sol amarelo surgiu e se lançou ao encalço do primeiro. A vida renascia no planeta.